

Adoniran: até Arnesto dá samba

Ao lado do refletor, está um homem pálido, o rosto chupado. Parece arrastar levemente a perna esquerda. Uma voz grita: «Silêncio! Será que preciso pedir silêncio outra vez? Está no ar.» O homem pálido se ilumina. Já não é mais o ex-João Rubinato, o oriundo – como ele mesmo diz. Ali está agora Adoniran Barbosa, o Charutinho das Malocas, cronista social do morro do Piolho, compositor, cantor de voz rouca, apontado por muitos como o maior sambista de São Paulo, veterano dos tempos heróicos do rádio e humorista. São 16 horas. Pela primeira vez, Adoniran Barbosa participa de um programa diurno na televisão. «Atenção, silêncio!»



– «As nascedentes de hoje são pessoas que fazem aneversalho hortaliço. Seu siguino é o da taturana; o do dejetivel, mandruvã. Os mandruvalino têm um distino gramatico, são de puxá o ronco e pegá paia nas grama do jardim. Côr da sorte: camisa Parmeras. Pedra da sorte: tijolo queimado.» . . .

O amargo final

(CONTINUA NO VERSO)
X PÁGS SEQUINTEs



(Risadas abafadas. A câmera avança.)

"Nova moda na Favela do Percebejo. — Consoante fumos enformados de fonte feda e digna, os rapais e as senhoritis da Favela do Percebejo vão inaugurar a moda da mini-carça, acumpanhando a minazala. A mini-carça é seta dedo encima do Joelho. As criola e senhoritis das maloca vão trabala, porque de cada carça de home elas vão fazê duas. Oi, pessoal: se tivê tapa de onça, ura, brusa, birivaltis e outros todavia liques, convida nós, que nós leva o tanque vasto."

Adoniram Barbosa sai de cena. — "Sêta tudo bem; não? Estava um pouco nervoso." É difícil saber se quem fa-

la é Adoniram ou o Charurinho, este último um personagem à procura de um novo autor:

— Quem me entendia bem era o produtor Osvaldo Molles. Trabalhamos 26 anos juntos. Ele fazia os programas para mim como só ele sabia: o texto dele eu é que entendia. Ele era muito meu amigo e eu era muito amigo dele. Escrevia especialmente para mim. Sabe, escrever errado, como se fala nas malocas, não é fácil. Agora estou tendo alguma dificuldade, o Molles morreu. É difícil escrever à língua dos crioulos. Falar, eu falo. Também, pudera, eu tenho cem amigos e, desasa, oitenta não crioulos. Todas pessoas boas, que encontro nos bares, apies até salamos juntos."

Adoniram Barbosa, paulista de Valinhos (onde viveu até os 8 anos), que nasceu em 1916 e vai completar 51 anos dia 6 de agosto, diz essas coisas com um estilo próprio, com jeito de crioulo malandro, ao mesmo tempo ingenho e tímido. Parou os estudos no 3.º ano primário: "Um dia comi o último lapis que tinha, fiquei com medo de apanhar — porque minha família era pobre — e nunca mais apareci no Grupo Escolar Siqueira Moraes. Não adiantou nada; levei do mesmo jeito uma surra de milha irmã mais velha. Ai sai para a vida."

Foi morar em Jundiaí. Com 12 anos, trabalhava numa fábrica de tecidos:

— "Minha seção era a de fiação. Emendava fio o dia inteiro, entrava no serviço às 4 da tarde e saía às 11 da noite, ganhava 400 réis por hora. Naquele tempo não havia as leis maravilhosas de agora."

14 anos.

— "Fomos todos morar em Santo André. Cai noutra tecelagem, mas daí para a frente comecei a variar; fui encanador de agua e esgoto, fundeiro, fui até garçom auxiliar de ministro da Guerra, a Pandá Calogeras. Rapaz, trabalhava de luva branca, uniforme de gala, bostilar não parava em lugar nenhum."

"Mais tarde veio a fase do pão com sardinha e ovo."

(CONTINUA NAS PÁGS SEGUINTE-C-D)

Samba de paulista é sucesso

RIO, 3 (FOLHA) — As musicas mais cantadas no carnaval do IV Centenario foram as marchas "Mulata Iê, Iê, Iê", com Emilinha Borba, e "Joga a Chave Meu Amor", com Jorge Goulart.

Entre os sambas figuram "Trem das 11", com os paulistas Demonios da Garoa; "Saravá", de Orlando Dias; e "Agua na Boca", com Gigi da Mangueira, musica do bloco Caciques de Ramos.

O samba "Trem das 11" é de autoria do compositor paulista Adoniran Barbosa, e não é exatamente um samba "carnavalesco".

Adoniran, que "inventou" o samba paulista, agora conhecido em todo o pais, teve até hoje o seu maior sucesso com "Saudosa Maloca", embora o "Samba do Arnesto", composto na mesma epoca, tambem tivesse alcançado grande exito.

Em 1957, saindo um pouco do seu estilo habitual, Adoniran fez, com Vinicius de Moraes, o samba-canção "Bom Dia Tristeza", gravado por Maisa na sua melhor epoca.

Folha de S. Paulo - 3 - musica. O que ficou da

Adoniran
"Saudosa Maloca"
"Bom Dia Tristeza"
"Trem das 11"

FOLHA DE S. PAULO

PÁG.
1

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ANO XLVII SÃO PAULO, 2.ª-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1967 N.º 13.896



Já quase beirando os sessenta e tendo atrás de si uma longa carreira, que começou nos tempos heróicos do rádio, Adoniran Barbosa mostra o outro lado do Charutinho das Malocas — o homem que não perdeu o costume de lutar por um lugar ao sol. Esse Adoniran humorista, que se considera um triste, e que muitos apontam como o maior sambista de São Paulo, está na página 4 da Folha Ilustrada.

FOLHA DE S. PAULO, PA FOLHA ILUSTRADA

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ANO XLVIII SÃO PAULO, 2.ª-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1968 N.º 14.211

Começou a Bienal do Samba, com publico já discordando

(A)

Cante as classificadas

"Bom Tempo"

Um marinheiro me contou
Que um passarinho lhe contou
Que vem aí bom tempo.
Um pescador me confirmou
Que a boa brisa lhe soprou
Que vem aí bom tempo.

Dou duro toda semana
Se não pergunte a Joana
Que não me deixa mentir.
Mas finalmente é domingo
Naturalmente eu me viço
Vou me espalhar por aí.

No compasso do samba eu dialeto o cansaço.
Joana debaixo do braço
Carregadinha de amor.
Vou que vou
Pela estrada que dá numa praia dourada
Que dá num tal de fazer nada

Como a natureza mandou.
Vou satisfeito
Alegria batendo no peito
Radinho tocando direito
A vitória do meu tricolor.

Vou que vou
Lá no alto só quanto
Que leva no salto
Do lado contrário do asfalto
Do lado contrário da dor.

Um marinheiro me contou
Que um passarinho lhe contou
Que vem aí um bom tempo.
Um pescador me confirmou
Que a boa brisa lhe soprou
Que vem aí bom tempo.

Ando cansado da vida
Preocupada, corrida, rurrada
Batida nos dias meus.
Mas uma vez na vida
Eu vou viver a vida
Que eu pedi a Deus.

"Lapinha"

Quando eu morrer me enterro na Lapinha
Calça, culote, paletó, almofadinha

Vai no lamento vai contar toda tristeza de viver.
Aí a verdade sempre dói
E às vezes traz um não a nada.
Ah só me fez dilacerar de todas vezes se entregar
Mas não me conformei.
Eu fui contra a lei
Sei que não me arrependi aí um motivo só
Ultimo talvez antes de partir.

Quando eu morrer me enterro na Lapinha
Calça, culote, paletó, almofadinha.

Sai minha magoa sai de mim
Há tanto coração ruim.
Aí é tão desesperador
O amor perder pro desamor.
Ah quanto medo eu vi, lufei
E como perdedor gritei
Que eu só no mundo só
Sem poder mudar nunca mais vou lastimar
Em um motivo só
Ultimo talvez antes de partir.

Quando eu morrer me enterro na Lapinha
Calça, culote, paletó, almofadinha.

Adeus Bahia
zum, zum, zum
Cordão de ouro
Eu vou partir.
Porque mataram o meu desouro
Zum, zum, zum é desouro
Zum, zum, zum

Cadê o ouro
Zum zum zum é desouro
Adeus Bahia
Zum zum zum
Cordão de ouro
Eu vou partir
Porque mataram o meu desouro.

Quando eu morrer me enterro na Lapinha
Calça, culote, paletó, almofadinha.

Adeus Bahia
Zum zum zum
Cordão de ouro
Eu vou partir...

"Foi Ela"

Foi ela quem quis partir
Foi ela quem quis descer.
Deixou-me aqui no morro
Deixou-me sem dó a sofrer.
O meu tamborim eu furei
O meu violão já quebrei
Não posso contar as
Lágrimas
Que tanto derramei.

O meu barraco coitado
Está quase caído.
O poço já secou
A criação está fugindo.
Os móveis estão
Bem empoeirados.
Na mesa de cabeceira
Vejo o retrato dela
Desbotado.
Foi, foi, foi, não voltou.
Sem ela não há mais
Samba no morro
Tudo para mim se acabou.

"Marina"

Tai o samba que você pediu
Marina.

Tai eu fiz tudo e você
Destina, Marina
Tai meu amor toda minha
Afeição
E você vai me matando
Pouco a pouco de
Paizão.

Saudade amor paizão
Não se controla
Eu dei meu amor Marina
A outro Marina vive dando
bola
Não é possível viver
assim
Marina você é o
"Principio do Meu Fim".
Tadinho de min...

(CONTINUA NO
VERSO, E PÁGS
SEGUINTE(S)
C-D)

13/05/68 - PAG. 1 (CONT.)

"Bom Tempo", de Chico Buarque de Holanda, "Lapinha", de Baden Powell e Paulo Pinheiro, "Foi Ela", de Zé Keti, e "Marina", de Sinval Silva, foram as composições classificadas, antontem, na primeira eliminatória da I Bienal do Samba, proenvida pela TV-Record. O júri, formado por críticos de musica popular dos principais jornais do Rio e São Paulo, desclassificou "A Feiticeira do Araxá", de Noel Rosa de Oliveira, "Escola de Samba", de Luis Antonio, "Mulher, Patrão e Cachaça", de Adonirá Barbosa e Oswaldo Moles, "Tião, Braço Forte", de Marcos e Paulo Sérgio Vale, "Coisas do Mundo, Minha Nêga", de Paulinho da Viola, "Ingratidão", de Ismael Silva, "Prá Frente", de Pedro Caetano, e "A Sandalia da Mulata", de Donga e Walfrido Silva. Entre os perdedores há figuras históricas na musica popular, como Donga, o autor de "Pelo Telefone", o primeiro samba gravado, em 1917, e Ismael Silva, que fundou a primeira escola de samba do Rio de Janeiro.

O publico, lotando o Teatro Record Centro (ex-Paramount) e tão empolgado quanto nos dias do festival, discordou do resultado e expressou sua discordancia com vaiaa, ao verificar que "Mulher, Patrão e Cachaça", de Adonirá Barbosa, defendida pelos "Demonios da Garoa", não ficou entre as quatro escolhidas. Alguns membros do júri, também insatisfeitos, atribuíram a desclassificação a "cariocadas", já que a maioria dos jurados é do Rio e teima em admitir a possibilidade de se fazer samba bom em São Paulo.

Mas esse aspecto, já familiar nos festivais, não chegou a empanar o sucesso dessa primeira noite de Bienal. Depois o que se comentava e cantarolava eram os sambas de Baden e de Chico, além dos de Noel, apresentados por Araci de Almeida, como homenagem postuma ao sambista da Vila. Araci cantou trechos de "X do Problema", "Coisas Novas", "Feitiço da Vila" e "Com que Roupa", tendo que voltar três vezes ao palco, por exigencia do publico, que aplaudia e cantava com ela.

Publico cantou "Lapinha"

Dos quatro sambas classificados antontem, "Lapinha", defendido por Elis Regina, com acompanhamento do autor e do conjunto "Acadêmicos do Samba", foi o que mais empolgou a platéia. Quando Elis voltou ao palco, com a musica classificada, a platéia já sabia o refrão e cantava com os interpretes.

"Bom Tempo", defendido pelo proprio Chico com acompanhamento do violonista To-

quinho e de orquestra, regida pelo maestro Gaya, não foi tão aplaudido na segunda vez quanto na primeira, chegando inclusive a receber vaiaa. E que sua apresentação em ultimo lugar eliminava de vez a esperança que o publico tinha de ver a musica de Adonirá Barbosa no pareo
PI-103 - 1 coluna

Zé Keti cantou "Foi Ela", com coral Bach e orquestra regida pelo maestro Ciro Pereira. Na reapresentação não foi bisado. Dizia-se depois que samba não era inédito, tendo sido cantado no filme "Rio, Zona Norte". Solano Ribeiro, organizador da Bienal, ficou de apurar, confirmando-se o boato, "Foi Ela" será retirado da competição.

"Marina", de Sinval Silva, foi defendida por Noite Ilustrada, que lhe deu uma interpretação magistral. Sinval é um dos mais respeitados nomes da velha guarda. Ex-motorista de Carmen Miranda é o autor de um dos seus maiores sucessos: "Adeus Batucada".

Ordem, sistema, júri

O espetáculo foi conduzido por Sonia Ribeiro e Biota Jr., naturalmente com a discrição e elegancia de sempre. Começou às 10 horas, com o palco do Record Centro decorado com três enormes pandeiros. A ordem de apresentação obedeceu a sorteio, realizado um dia antes pela comissão organizadora.

Na escolha das classificadas não prevalece o sistema de notas: cada jurado aponta quatro preferidas e, no caso de empate, procede-se a revotação. O júri considerou esse processo mais valido que o de dar pontos, adotado nos 2 festivais da Record. De modo que as quatro musicas são consideradas em nível de igualdade e só haverá classificação na noite de premiação final.

O júri da I Bienal do Samba compõe-se dos mesmos críticos que integram a comissão organizadora: Lucio Rangel, Alberto Helena Jr., Ary Vasconcelos, Mauro Ivan, Dirceu Soares, Sergio Cabral, Franco Paulino, Chico de Assis, Mario Cabral, Sergio Cabral, Iimar de Carvalho, Raul Duarte e Adones de Oliveira. Sergio Porto, com um edema pulmonar, está hospitalizado.

A I Bienal do Samba é transmitida pela TV-Record, em rede com a TV Tupi do Rio, TV-Intacolumi, de Belo Horizonte, TV-Vitória, de Vitória, e por uma cadeia de emissoras de rádio, liderada pela Jovem Pan. Suas próximas eliminatórias serão dias 18 e 25, deste mês. Em cada uma serão apresentados mais 12 sambas e escolhidos quatro. Nas duas, como na primeira, serão prestadas homenagens postumas a nomes famosos da musica popular; Art Barroso e Sinhô.

(CONTINUA NAS
PÁGS SEGUINTE
C-D COM FOTOS)



Araci cantou sambas de Noel e empolgou a platéia.

Conversa de Araci

De repente o samba de Noel toma conta do teatro. Araci, sua melhor interprete, canta o "X do Problema", "Com que Roupa", "Feitiço da Vila", "Coisas Nossas", clássicos do poeta da Vila. E' um dos pontos altos da noite. O publico, num misto de emoção e entusiasmo, chama-o quatro vezes ao palco.

A velha sambista está feliz. "Sem Noël, diz, não estaria mais cantando. O amor que tenho por ele e por suas musicas é que me fazem continuar". Ela acha que a Bienal do Samba veio em boa hora, que é uma boa coisa para fazer face à avalanche de musica estrangeira. "Paulinho Machado de Carvalho é um "cara prá frente", está prestando bons serviços a nós todos, compositores e cantores", observa.

Sua participação nessa Bienal não se limita a Noel. Dia 18 Araci defende um samba de Miguel Gustavo, de inspiração política: "Gritar liberdade, prender quem gritar... na multidão" é um dos seus

versos. Araci acha que o samba não é dos melhores de Gustavo, mas "quebra o galho".

Essa sambista que não faz planos para o futuro, que mora no bairro do Encantado, no Rio, e só fala em girias, num linguajar todo dela, já tem mais de 30 anos de carreira e não perde a atualidade. A semana passada gravou um samba de Caetano Veloso, "um cara meio louco, mas ótimo compositor". Informa que gravou com guitarras, "o que quer dizer que entrei na onda dos cabeludos". "A Voz do Morto" é um samba na nova linha de Veloso, compositor que mais admira, depois de Noel e Chico Buarque de Holanda, é claro.

Ela, para ela, é a melhor interprete brasileira. Confessa que quando ela canta chega a chorar. E também gosta muito de Maisa, Elizete Cardoso e Angela Maria. Sobre Angela tem esta opinião: "tivesse mais cuidado na escolha do repertório, seria a maior cantora do Brasil".



Os Demonios da Garoa, cantando "Mulher, Patrão e Cachaça", que devia entrar.

(CONTINUA NO
VERSO-D (FOTOS)).





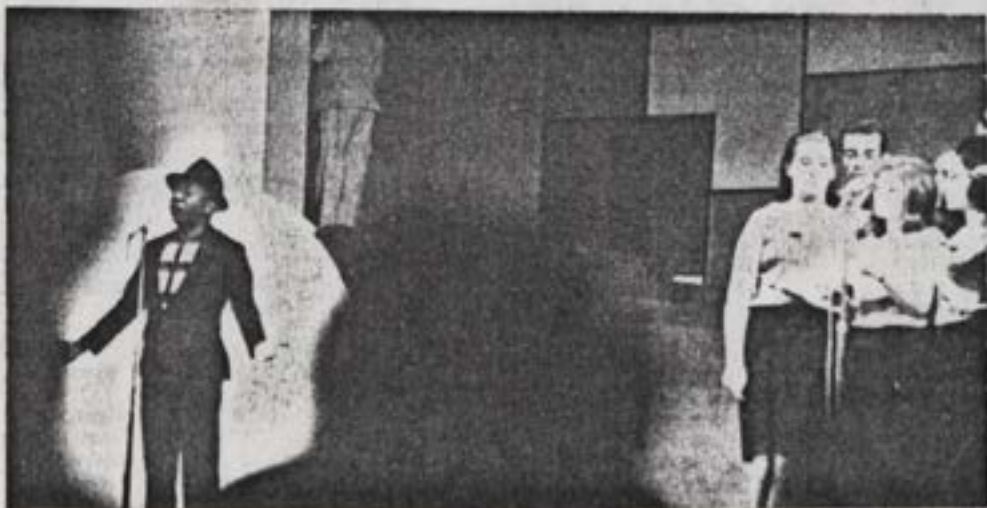
Ella e Baden, responsáveis pelo maior sucesso: "Lapinha".



Noite Ilustrada em "Marina", de Sivaldo Silva, um veterano.



Chico e Toquinho em "Bom Tempo". A música entrou, é claro.



Zé Keti e Coral Bach apresentando "Foi Ela".

FIL

FOLHA ILUSTRADA

FOLHA DE S. PAULO - ANO XLVIII

SABADO, 25/1/69

N.º 14.468

Pág. 15

São Paulo faz samba tambem

Cicero Afonso Vieira

Não faz muito tempo, quando se iniciava a movimentação em torno da bossa nova, uma frase de Vinícius de Moraes abalou o brio dos paulistanos interessados em música popular: "São Paulo é o tumulto do samba." Foi um corre-corre danado e os que se consideraram mais atingidos passaram a promover reuniões de compositores e intérpretes, para mostrar que Vinícius havia cometido grande injustiça, que aqui também se fazia samba do bom.

Não cabe discutir se as músicas paulistas, daquela época e daquela fase, eram realmente de boa qualidade. Certamente havia coisas boas e más, como em toda a onda da bossa nova. Mas um fato é inegável: São Paulo passou a deixar bem claro, dali por diante, o seu grande interesse pela nossa música popular, a grande preocupação, principalmente por parte dos jovens, de prestigiar movimentos musicais que trazem a marca da nossa tradição e da nossa cultura.

Foi assim que, pelo menos naqueles dias, o "tumulto do samba" passou a ser ponto obrigatório de encontro de todos os grandes musicistas do país, entre os quais o próprio Vinícius de Moraes, que pouco depois viria a "retirar" sua famosa frase, dizendo que realmente cometera erro lamentável. Não estaríamos exagerando se dissessemos que São Paulo viveu então, durante bom tempo, como a "capital do samba". Em parte por ser a época coincidente também com a ascensão do prestígio da nossa televisão, a verdade é que qualquer artista do Rio de Janeiro ou qualquer outra parte só estava realizado e consagrado quando começava a aparecer com frequência nos vídeos e nos palcos paulistanos.

Passamos a ser, definitivamente, o centro irradiador da produção musical brasileira. Por peculiaridades de

formação e de tradições, o Rio terá sempre, entre os muitos títulos que a fazem tão querida e admirada, o de capital do samba e da música popular brasileira. Mas o episódio citado serve para deixar patente que, no terreno da música popular, São Paulo tem sido com bastante frequência bombardeado com considerações injustas e descabidas, como se fossemos incapazes de sentir e apreciar música ou de produzir qualquer coisa que merecesse ser levada a sério. Na verdade, a nossa produção musical de boa qualidade não é muito volumosa, mas também não é totalmente inexpressiva. Nosso propósito, neste trabalho, é justamente lembrar um pouco do que São Paulo produziu em música popular, muita coisa desconhecida talvez dos próprios paulistas.

Zequinha para começar

O chorinho, talvez mais do que o próprio samba, é gênero de música brasileira até a medula, sabor e cheiro de Brasil. E todos sabem — até um filme foi feito para mostrar isso — que nasceu em nosso Estado, em Santa Rita do Passa Quatro, se não o maior (respeitamos Pixinguinha e Nazaré), um dos maiores compositores de chorinhos de todos os tempos. Chorinhos, valsas de sabor bem brasileiro, marchinhas, maxixes, canções e toadas fizeram do nome José Gomes de Abreu, ou melhor, Zequinha de Abreu, quase um sinônimo de música popular. Ouvimos brasileiros das paradas, da atual e das futuras gerações

não se cansarão nunca de ouvir coisas como "Tico-Tico no Fubá", "Os Pintinhos no Terreiro", "Sururu na Cidade", "Não me Toques", "Aurora", "Tardes de Lindóia", "Amando Sobre o Mar", "Branca", "Elixa", "Perto do Coração", "Morrer Sem Ter Amado" e "Último Filho".

Nesta mesma linha de compositores paulistas de valsas e choros, podemos citar: Americo Jacomino (Canhoto), autor da famosa "Abismo de Rosas", que todos os violonistas desta terra executam (ou assassinam), há muitos e muitos anos; Erotides de Campos, piracicabano criador da linda valsa "Ave Maria", a que Augusto Calheiros deu interpretação inconfundível (Cal a tarde, tristonha e serena...) e que também Francisco Alves gravou mais tarde; Albert Marinho, compositor de "Rapaziada do Brás"; Raul Torres, co-autor da famosa "Saudade de Matão"; Otavio Gabus Mendes, que ligou seu nome a uma valsa imortal, "Suplica" (Aço frio de um punhal foi teu adeus prá mim...), cantada pelo Orlando Silva dos bons tempos.

Se fôrçassemos mais a memória ou dispusessemos de tempo para pesquisa mais demorada, principalmente nas cidades do interior do Estado, nas quais dificilmente se deixa de encontrar um bom número de cultores da seresta tradicional, certamente haveria muito mais nomes a citar. Mas o que aí foi lembrado

já dá para mostrar que São Paulo também deu a sua contribuição para a formação do nosso cancionário. Como homenagem justa e indispensável, vamos citar o mestre Mario de Andrade, que, além de ter composto canções inesquecíveis, foi apaixonado estudioso da música brasileira. Suas observações e definições, neste terreno, são básicas e indispensáveis para todos quantos queiram chegar aos fundamentos de nossa música. Considerando-se a época em que ele as elaborou, podemos afirmar que foi o primeiro grande vulto da nossa literatura a dar a devida atenção à música popular brasileira.

Samba também tem

O que mais se fala contra São Paulo, em matéria de música, é que não temos jeito para fazer samba. O samba — dizem — tem que nascer em lugar onde o povo viva mais descontraído, mais feliz, nunca numa cidade séria como a nossa. Vejamos o que podemos evocar, para pelo menos atenuar essas afirmações.

Lá pela década de 40, Denis Brean fez o Rio todo cantar o samba "Boogie-woogie na favela", magistralmente interpretado pelos "Anjos do Inferno". Os cariocas talvez nem tenham tomado conhecimento do fato de que o compositor era paulista de Campinas. Mas Denis insistiu e deu a Chico Alves o "Bahia com H". Num conqumto realizado pouco depois em Salvador,

(CONT. NO VERSO)



Vinícius, uma frase que abalou



Isaurinha: a grande cantora de São Paulo



Adonirá: campeão de carnaval em pleno Rio

para se eleger o melhor samba até então feito em homenagem à Bahia, a música do campineiro conquistou o primeiro lugar, deixando em segundo o famoso "Baixa do Sapateiro", de Ari Barroso. A essa altura, pelo menos os mais interessados em música ficaram sabendo que o moço era paulista.

Vitor Simon, um paulista descendente de árabes, é autor de quase todas as músicas que durante certa época colocaram em grande destaque o cantor Bob Nelson, que imitava "cow-boys" e fazia sucesso estrondoso no Rio de Janeiro. Os cariocas cantavam e não sabiam que o compositor era daqui, até o dia em que a marcha "Rio de Janeiro" (... cidade que nos seduz, de dia falta água, de noite falta luz) estourou no carnaval de lá.

A respeito de Adonirá Barbosa, li certa vez comentário de Sérgio Porto, em que este dizia que o compositor usava em suas músicas a linguagem dos capangas das regiões rurais de São Paulo. Por aí se vê que, em matéria de música popular, de vez em quando até os bons chutam firme. Um pouco mais de atenção ao palavreado usado por Adonirá seria o bastante para se perceber que ele é retido da gíria das favelas e das malocas da capital. Pouca gente sabe, também, que além das músicas em que usa aquelas palavras ("Saudosa maloca", "Samba do Ernesto", "As Maripos-

as", "Tracema" e outras), Adonirá tem alguns sambas de carnaval de primérrima qualidade, como "Assa negra" (Depois que aquela mulher me deixou, minha vida melhorou... Ela era a minha asa negra...) e "Joga a chave" (...meu bem, que aqui fora está ruim demais...), feitos em parceria com Osvaldo Moles. Mas o seu samba campeão de carnaval no Rio não era carnavalesco, ou, pelo menos, não foi feito com esse propósito: "Trem das onze" serviu também para mostrar que samba paulista pode estourar no Rio.

O mesmo se pode dizer de "Volta por cima", de Paulo Vanzolini, um samba tão bem feito que deixou os críticos cariocas embaçados. Um deles chegou mesmo a dizer que, por mera casualidade, um senhor paulista havia feito um samba no melhor estilo de Ataulfo Alves. Os que conhecem Paulo Vanzolini, cientista que também gosta de ouvir e fazer música, sabem que o samba e o estilo são muito seus, e que ele tem ainda muita coisa boa a ser divulgada. A seu favor pode ser dito ainda que foi um dos primeiros a descobrir o talento de Chico Buarque de Holanda e que este tem por ele antigo e sincero respeito. De Chico também se poderia falar que teve formação paulista, apesar da apressadíssima preocupação guanabarina de apresentá-lo como carioca da gema, pois na verdade ele nasceu no Rio.

Acreditamos que esses fatos sejam suficientes para demonstrar que São Paulo não é o "tumulo do samba". O que talvez nos falte para que um número maior de pessoas se disponham a compor música popular, é contacto mais frequente com as fontes de inspiração, com festas populares como o próprio carnaval, que em São Paulo só nestes últimos anos mereceu substancial apoio oficial, apoio esse que a continuar, poderá tirá-lo da triste condição a que vinha sendo relegado. Era de se lamentar, realmente, o que acontecia aqui com aquela que deve ser em toda parte a grande festa do povo brasileiro.

A pobreza das nossas marchinhas de carnaval, essa sim, com raras exceções, era real, indiscutível e desoladora. Para complicar ainda mais a situação, durante algum tempo uma meia dúzia de compositores absolutamente inexpressivos conseguiram bloquear a entrada de músicas do Rio nas estações de rádio e nos salões de baile de São Paulo. Começou então a florescer uma deplorável indústria de músicas "carnavalescas", envolvendo gravadoras-fantasma e "autores" e "cantores" que pagavam a essas gravadoras para cometer crimes contra o bom gosto dos paulistanos. Não se sabe como, essas barbaridades eram divulgadas pelas estações de rádio. Sem falar também nos "cantores" oportunistas, certos medalhões da televisão, que infelizmente continuam a nos

aborrecer uma vez por ano.

Nesse estado de coisas, certamente era muito difícil que compositores serios e capazes se dispusessem a fazer música para carnaval. Parece, porém, que a coisa tende a melhorar. Os festivais, com bons prêmios em dinheiro, estão atraindo compositores do Rio e incentivando também os melhores daqui. A televisão levará as boas músicas para todo o Estado e maior número de pessoas se interessará por esse gênero, que pode ser elevado e nobre quando tratado com maestria, como mostraram Lamartine Babo, Haroldo Lobo, João de Barro, Benedito Lacerda, Klecius Caldas, Armando Cavalcanti, para citar apenas alguns, todos cariocas, sim senhor.

Para terminar, confessamos com certa desolação que, no esforço de memória que empreendemos para buscar interpretes de primeira qualidade saídos de São Paulo, os nomes não nos ocorrem com a facilidade que seria de desejar. Consola-nos o fato de que a qualidade é grande e incontável. E o caso de Inesita Barroso, a melhor, a mais consciente cantora (e pesquisadora) de folclore que este país já conheceu. E o caso de Vassourinha, que morreu muito cedo, mas tornou-se imortal interprete do samba com três ou quatro gravações. E o caso de Isaurinha Garcia, que, somando a todos os atributos exigidos de uma interprete um ligeiro sotaque do Brás, é a grande, a incomparável cantora de São Paulo.

Museu da Imagem e do Som vai começar com Mario de Andrade

"25 Anos de Mario Andrade" deverá ser o primeiro trabalho do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, criado sexta-feira através de decreto assinado pelo gov. Abreu Sodré. Na primeira experiência, o MIS paulista gravará os depoimentos existentes de Mario de Andrade, gravando também as suas poesias. Na inauguração do Museu da Imagem e do Som, será lançado um álbum sobre Mario de Andrade. Há também um plano para o segundo trabalho do MIS: uma gravação com Tarila do Amaral, Di Cavalcanti, Menotti Del Pichia e Cassiano Ricardo, sobre a "Semana de 22".

Posteriormente, o MIS gravará os depoimentos de todas as personalidades paulistas e brasileiras. Entre as primeiras estão Pelé, Adoniran Barbosa, Humberto Mauro, Aracy de Almeida, Eder Jofre, Maria Esther Bueno, Francisco Matarazzo — que deverá contar a história das Bienais de São Paulo.

A direção

O cargo de presidente do Museu da Imagem e do Som, segundo os comentários, deverá ser entregue a Francisco Luís de

Almeida Salles, atual presidente da Comissão Estadual de Cinema, ou ao sr. Arrobas Martins, atual secretário da Fazenda. O diretor-executivo será provavelmente, Luis Ernesto Kawai, que atualmente é assessor de imprensa do governador. Segundo o decreto, o diretor executivo será também o representante do Estado dentro do MIS, e ao mesmo tempo o presidente do Conselho de Orientação. Para o cargo, o governador escolherá o nome na primeira investidura. Nas demais, o cargo será preenchido pelo nome que obtiver maioria absoluta de votos do Conselho de Orientação.

Paulo Emilio Salles Gomes deverá ser o responsável pelo setor de documentação e arquivo do órgão, enquanto Rudá de Andrade deverá dirigir o arquivo filmico. O decreto dá prazo de um mês para que o colegiado, composto por 7 membros e indicado pela Fundação Cinemateca Brasileira, Associação dos Fotógrafos Profissionais, Ordem dos Músicos, Fundação Padre Anchieta, apresente seu parecer sobre a formação da primeira diretoria do Museu da Imagem e do Som.

O que será

Idealizado com base no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, o MIS de São Paulo terá funções semelhantes, ou seja: coletar, classificar, conservar e restaurar material iconográfico e sonoro em geral, especialmente filmes, fotografias, dispositivos, discos, fitas magnéticas etc., de interesse artístico, histórico, sociológico ou cultural; realizar pesquisas, palestras, cursos, programas especiais, estudos e publicar monografias sobre comunicação audiovisual; realizar pesquisas sobre costumes; tomar depoimentos de personalidades da vida nacional, produzir filmes educativos, colaborar com outras unidades culturais manter intercâmbio com entidades estrangeiras, realizar trabalhos de prospecção cinematográfica, musical, fonográfica, promover cursos e, principalmente, manter estreito contato com a Fundação Padre Anchieta.

O Conselho de Orientação ficará incumbido de traçar os programas do MIS; o presidente do órgão será o representante do Museu perante o governo; a diretoria executiva proporá a formação do quadro profissional e

coordenará todas as atividades oriundas do Conselho de Orientação. O patrimônio do MIS, de acordo com o decreto, será constituído por bens doados ou adquiridos. Nesse sentido, o MIS começa recebendo o patrimônio da Fundação Cinemateca Brasileira — filmes, documentos, gravações, fotografias etc.

Essa espécie de fusão entre o MIS e a Cinemateca representa a salvação de um patrimônio rico em obras cinematográficas e que, por duas vezes, foi parcialmente destruído por incêndios irrompidos nos armazéns da Prefeitura Municipal, no Ibirapuera, onde a Cinemateca guarda seu acervo filmico. Com a instalação do Museu da Imagem e do Som — provavelmente no Palácio dos Campos Eliseos — a Cinemateca terá locais apropriados para arquivar toda a sua vasta documentação.

Por outro lado, o convenio que será celebrado entre o MIS e a Fundação Cinemateca dará origem a um fato importante: o Museu da Imagem e do Som pode iniciar seu trabalho contando com um arquivo de filmes já construído, biblioteca, discoteca, documentos etc., sem necessidade de ser obrigado a iniciar um acervo próprio.

09/07/1971



Adoniran Barbosa

Elizeth

Já emagreceu oito quilos desde que está no Canecão. Cantando e sambando, Elizeth tem levado até ao Rio muita gente de São Paulo só para ver seu show. Atenção, reservas com antecedência porque não é fácil assistir Elizeth. Casa lotada todas as noites.

Moreira

da Silva, conhecido por seus sambas de breque, vai receber homenagem no começo do ano que vem. É que ele faz 70 anos, em abril.

Adoniran

Falando em sambista, não se pode esquecer Adoniran Barbosa. Aqui fica uma sugestão: por que não se grava um elepê com Adoniran cantando seus sucessos? Ele, com seu humor, é o representante de um estilo próprio que é chamado de "samba paulista". Falando errado, trocando nomes e fatos — "Olavos Bilac, inventor da aviação" —, usando a gíria do Brás, Adoniran é muito bom. Seria um elepê para colecionadores da música popular brasileira.



HOMENAGEM A ADONIRAM — Amanhã, no Teatro 13 de Maio, homenagem a Adoniram Barbosa pelo muito que fez pelo samba do Brasil. Virão sambistas cofeicos para animar o notado. É Vera Fischer e toda a turma de "A Super Fêmea" (filme do qual Adoniram participa), também entregará um troféu ao criador de "Seudosa Maloca", "Amesto" e outros.

PAG. 22

Música Popular

"... música é alegria..."

Justiça ao músico

WALTER SILVA

O músico brasileiro tem cada vez menos lugar para trabalhar. As casas noturnas, com raras exceções, preferem as músicas em fita a pagar a um profissional da música para entreter seus fregueses, em que pese o surto de casas de samba, que apenas empregam ritmistas e cantores.

As emissoras de rádio já há muito não têm orquestra e vivem unicamente do disco. As de televisão, com exceção da TV-Tupi, em São Paulo, e da Globo, no Rio, dispensaram suas orquestras.

Resta a eles, músicos apenas o disco como único mercado vivo de trabalho. O que ganham não é o suficiente para manterem família e seus padrões de vida são dos mais baixos.

Os bailes, que já foram fonte de rendimento da maioria deles, já não os exigem, uma vez que os conjuntos (pequenos), pelo preço reduzido que cobram, lhes tomaram a frente.

É uma profissão em fase de extinção, a não ser que alguma providência seja tomada. No campo da música clássica, há até músicos estrangeiros importados pelos órgãos oficiais, que tiram o emprego do músico brasileiro. Eis um assunto duro demais e realmente sério, para ocupar tão pouco espaço de um jornal. Resta o consolo de uma campanha altamente meritória encetada pela Jovem Pan, valorizando a figura do músico brasileiro. A cada

instante, emoldurado pelo "Hino ao Músico", composto por Chico Anísio, aquela emissora formula um apelo para que se valorize o músico nacional. Uma idéia que já vem com um certo atraso, principalmente partindo desse ingrato vesículo que vive da música o dia inteiro e ainda graças aos discos que lhe são dados graciosamente.

Em todo o caso, fica o ato que divulga as orquestras e os músicos, sempre esquecidos até pelas gravadoras que usam dos seus serviços, omitindo-os, entretanto, das desinformativas contracapas.

Que a idéia de divulgar o músico, assumida pela Jovem Pan, frutifique e que as autoridades se lembrem-se, um dia, de valorizar essa tão importante profissão, e o que desejamos.

Anote

"... poetas, seresteiros, namorados,
correi,
é chegada a hora de escrever
e cantar
talvez as derradeiras noites de
luar...!"

Gilberto Gil, em "Lunik 9"



ADONIRÁ BARBOSA — Seu primeiro LP na Odeon está muito bom e será sucesso.

Adoniram só pegava o trem das 19h30

Sim, fui convidado. Mas se não me derem cachê, não vou. Sou profissional, ora...

Adoniram Barbosa, o maior responsável pela projeção nacional de Jaçanã, nunca morou no bairro, nunca teve parente que morasse lá e há seis anos que esteve pela última vez no Largo de Jaçanã, quando da demolição da estação de seu "Trem das Onze". Nessa ocasião, ganhou então de presente do chefe a lanterna vermelha de aviso aos maquinistas, uma espécie de carinhosa homenagem.

— Sabe, de 60 a 68 eu frequentei muito o bairro, pois trabalhava em circo. Pegava o trenzinho ali na rua João Teodoro, o da Cantareira, pois, apesar de sempre lotado, com gente dependurada por tudo o que era canto, era barato.

A viagem costumava durar uns 40 minutos, metade da música martelando a cabeça do autor de "Saudosa Maloca".

— Se eu perder esse trem, que sai agora às 11 horas, só amanhã de manhã... amanhã... amanhã... Jaçanã. E achei bonito o nome. Dei para os "Demônios da Garoa" gravar, ganhando ainda com ela o primeiro lugar no carnaval carioca de 1965.

O horário — "11 horas" — também entrou na canção por conveniência musical, pois Adoniram só viajara no trem das 19h30. "E apeguei-me depois sentimentalmente a ele. Senti muito a sua tirada de circulação".

Com o dinheiro ganho com o "Trem das Onze", Adoniram diz que só deu para comprar "um terreninho, não foi muito não". E apesar de considerar Jaçanã "muito bonita, com aquele lago e aquele verde todo", escolheu para construir a sua casa no Jardim Prudência, no Aeroporto.

Mas Jaçanã não foi o único bairro de São Paulo a ser cantado em letra e música por Adoniram. Já o foram, também, Vila Esperança, Casa Verde, Moóca, Brás e Bela Vista. "Eu gosto de São Paulo".

De férias até o fim do mês na TV Tupi, Adoniram Barbosa surpreende com a revelação de que acaba de gravar o seu primeiro LP, pela Odeon, onde recorda todos os seus grandes sucessos, inclusive o recente de parceria com Benito Di Paula.

— E o último?

— Último, não. O penúltimo, que é que há... "Véspera de Natal", que está também no LP. Jaçanã? Cento e quatro anos, heim...



Adoniram Barbosa cantou Jaçanã mas nunca morou lá

FOLHA DE S. PAULO

FOLHA ILUSTRADA

São Paulo, terça-feira, 3 de junho de 1975

PÁG. 38



OVELHA NEGRA — A nova novela do Canal 4 (20 horas) escrita por Walter Negrão e Chico de Assis, teve seu primeiro capítulo apresentado ontem, com direção de Edison Braga e os seguintes atores: Márcia Benvenuti, Cleide Iaconis, Rolando Boldrin, Lia de Aguiar, Yvon Mesquita, Laura Cardoso, Edgar Franco, Joana Fomm, Adoniram Barbosa, Geórgia Gomide, Serafim Gonzalez, Cúberas Neto, Aída Mor, Sílvia Rocha, Carlos Augusto Strassner, Pitanga, Francisco de Franco, Vera Manhães, Marcos Donizeti, Leonor Lambertini, Jonas Bloch, Kate Hansen, Carminha Brandão, Osvaldo Camposara, Paquito, Ednei Giovenazzi, Raquel Araujo, Wilma Aguiar, Geraldo Cunha, Demitri Orrico, Paula Padilha, João Carlos Pompeu, Léa Camargo, Wanda Stefânia, Maria Vasco, Abrão Farc, Walter Martins, Ewerton de Castro, Dante Ruy, Sílvia Leblan, Haroldo Botta e Eliza Dagostinho. A novela conta a história de um rapaz de trinta anos — Julio

Monteiro, a Ovelha Negra — razoavelmente rico. Seu pai é dono de um grande hotel de águas termais. Julio vive numa cidade pequena demais para suas ambições e, para extravasar seus problemas, vive atormentando os habitantes de Águas de Santana. Segundo seus autores, A Ovelha Negra retrata a esperança do seu próprio público, ou seja: "que cada um daqueles que tenha tomado um caminho errado encontre no emaranhado da vida a trilha reta do retorno ao amor e à compreensão. Não existe a pretensão de fazer rir durante todo o tempo, mas o riso deverá aliviar a tensão nos momentos mais dramáticos, para que o espectador possa renovar em si mesmo o desejo de seguir a história". Nas fotos, Edney Giovenazzi com Serafim Gonçalves e Lia de Aguiar com Cleide Iaconis.

Adeus ao último bairro poético



O PRIMEIRO CANTOR. Paraguaçu, o primeiro cantor de São Paulo — e do Brás — a ser ouvido no rádio e a gravar disco, ainda mora perto da rua do Hipódromo. "Eu era o Roberto Carlos daquela época..." diz ele. Mas agora o seu bairro será atingido pelas obras do Metrô e perderá a característica poética de "velha Itália".

Na figura de colete, gravata borboleta e chapéu de abas curtas de Adoniran Barbosa, no pijama que Paraguaçu não tira mais enquanto faz de conta que assiste a todos os programas da televisão, e na voz doce embora grave do promotor Alberto Marino Júnior, autor da letra de Rapazada do Brás, a mesma triste desilusão: o Brás acabou.

Anteontem, a Companhia do Metrô anunciou oficialmente que quase mil imóveis serão desapropriados para permitir a construção da Linha Leste. Inteiros quarteirões de ruas típicas do bairro — como a rua Caetano Pinto — desaparecerão.

Em entrevista exclusiva, o prefeito Olavo Setúbal comentou ontem o destino do Brás. Mas o prefeito não considera o Brás um bairro histórico da cidade, não merecendo pois um esforço de conservação.

Para ele, o bairro está inteiramente deteriorado, e com sua futura urbanização nas áreas atingidas pelo Metrô, oferecerá melhores condições aos moradores da classe média, atraídos pela facilidade de transporte que será criada.

Adoniran

Cantor e compositor Adoniran Barbosa: "Pelo menos para mim o Brás morreu em 1950; a partir daí mudou sempre... sempre para pior. Há 25 anos não se pode mais namorar pelas ruas sem a Polícia pedir documentos. Agora, com as desapropriações do Metrô, o Brás acaba de se enterrar como bairro tradicional da cidade".

Nostálgico cantor e compositor do cotidiano da cidade e do Brás, Adoniran confessa que há muito tempo não passeia pelas ruas do bairro.



ELE MORA NO BRÁS. Adoniran Barbosa, o compositor da música que começa com "Arresta nos convidou...", tornou o bairro do Brás famoso em todo o País.

San Gennaro

As desapropriações no Brás e na Mooca não afetaram a festa de San Gennaro. Ontem mais de 40 mil pessoas comeram pizzas, macarronadas, porpetas, stogliatelli, zeppola, tarallo e muitos outros pratos italianos nas vinte barrquinhas das ruas Lins e Niterói, que dão para o fundo da Matriz de São Januário, na Mooca.

Segundo o sr. Alfonso Iervolino Jr., coordenador da festa, o dinheiro arrecadado será em parte reservado para as reformas da igreja. "A outra parte será destinada ao amparo social dos moradores, com a construção de um centro médico".

(FOTO
NO
VERSO)

FOLHA DE S. PAULO - 14/09/75 - PÁG. 1 (CONT)



CENÁRIO CONDENADO. A pitoresca mistura de velhos casarões, pequenas indústrias, padarias e barbearias que caracterizava o Brás, vai desaparecer logo. A linha Leste-Oeste do Metrô terá uma estrutura elevada em concreto armado que rasgará o próprio coração do velho bairro italiano, situado ao pé da colina da Sé.

A nostalgia de momentos felizes: a música dos seresteiros, os ternos olhares

Recordações de três personagens do Brás

Três homens contam histórias do Brás, mas daquele Brás que vive em suas — até certo ponto — melancólicas recordações: o Brás das serestas e dos seresteiros, dos bandolinistas, flautistas, violeiros... o Brás dos footings na Rangel Pestana, dos namores de olhares, cartas e bilhetinhos perfumados e dos suspiros escondidos.

Adoniran Barbosa e o promotor Alberto Marino Júnior, autor da letra de Rapaziada do Brás, já não moram mais no bairro: Adoniran saiu em 1950 — "numa época em que se podia namorar pelas ruas de mãos dadas" —; Marino Júnior em 1951: "Moramos primeiro na rua do Gasômetro, em cima do Cine Glória... e o cinema acabou, não? Aliás, o Brás, por esse tempo, já não era o mesmo..."

Adoniran Barbosa

"Não me lembro mais do Brás: ele morreu em 1950"

DAILOR VARELA

Uma figura típica do Brás antigo: colete, gravata borboleta, chapéu de abas curtas no melhor estilo italiano. Mas Adoniram Barbosa confessa que o Brás começou a morrer há 25 anos, em 1950:

"Pelo menos para mim; daí até hoje mudou sempre... sempre para pior. Agora, com as desapropriações do Metrô, o Brás acaba de se enterrar como bairro tradicional da cidade".

Nostálgico cantor e compositor do cotidiano do Brás e da cidade, Adoniran confessa mais uma vez que há muito tempo não passeia pelo bairro: "Morei no Brás numa pensão da rua do Gasômetro, em frente ao tradicional e popular cinema Glória; naquela época podia-se passear pelo bairro, de mão dada, namorando. Hoje, isso é impossível, a Polícia está sempre pedindo documento".

Com um copo de uísque na mão, conservando sempre um impecável humor, Adoniram fica sério e compenetrado de repente:

"Acordei e li nos jornais que o Metrô vai desapropriar centenas de casas no Brás; é uma tristeza".

Num espetáculo realizado na Cidade Universitária, ontem à tarde, Adoniram Barbosa não esqueceu de falar de "um samba no Brás". No entanto, depois ele confessou:

"Não me lembro mais do Brás. Sai de lá em 1950, após muitos anos de boemia.

O único que ficou para ver o Brás de 1975 é Paraguaçu, aliás Roque Ricciardi, o Rouxinol Brasileiro — como era chamado na sua época áurea de cantor, um dos primeiros brasileiros a gravar um disco. Quem se lembra de Nunca Mais, Morrer de Amor, Bem-te-vi, Lamentos, Saudades de Alguém?...

De sua janela Paraguaçu vê um pedaço da rua do Hipódromo, uma visão que as desapropriações do Metrô vão lhe tirar. Para ele, resta continuar postado à frente de um aparelho de televisão, fingindo que se interessa pelos programas, e lembrar dos tempos em que recebia quase trezentas cartas por dia, das "rádios-fãs":

"Eu vivi para cantar, não cantei para viver..."

Frequentei muito o Internacional, clube de futebol onde aconteciam os bailes mais animados de São Paulo. Hoje, o que é o Brás?"

VERDADE DA CIDADE

Apesar de ter nascido em Valinhos, Adoniran Barbosa vive em São Paulo desde os 14 anos, e seus sambas falam sempre do cotidiano da cidade. Segundo ele revelou ontem a tarde na Cidade Universitária, "tudo o que eu canto é verdade, aconteceu na cidade".

Depois de cantar um samba em que diz "eu disse a ela que era engenheiro / e que o Metrô de São Paulo estava em minhas mãos", Adoniran teve apenas um leve sorriso quando um estudante perguntou:

"E a desapropriação do Metrô, dá samba".

Talvez. Segundo amigos de Adoniran, "ele lê os jornais, vive a vida e depois inventa suas músicas".

Assim como o trem da Cantareira inspirou Adoniran na composição do conhecido "Trem das Onze", é bem possível que as desapropriações do Metrô no Brás, se tornem, também, um samba cantado pelo povo.

O bairro do Jaçanã, a avenida 23 de Maio, o próprio Brás, a rua da Consolação e os carregadores "Mato Grosso" e "Corintiano" (da década de 40), o Largo do Arouche já foram personagens de músicas de Adoniran Barbosa, um ex-morador do Brás.

(CONTINUA NO
VERSÃO-B, E NAS
PÁGS SEGUINTE-S-C-D-E)

FOLHA DE S. PAULO - 14/09/1975 - PÁG. 18 (CONT.)

(B)



Adoniram: "saí de lá em 1950. Hoje, o que é o Brás?"



Paraguaçu: "ah, como o Brás... não haverá outro."

(CONT. NAS PÁGS SEGUINTE-S-C-D-E)



Alberto Marino Júnior

“O Brás dos napolitanos, bares e calabreses...”

Marcos Antonio Montandon

No Fórum, no Tribunal do Júri, a voz soa forte, segura, vibrante, algumas vezes sarcástica. Os criminosos têm verdadeiro pavor dela, pois, quando cala, quase sempre começarão eles a pagar, ali mesmo, o chamado débito para com a sociedade. Entretanto, agora, acompanhada pelo órgão, ela soa doce, um pouco grave, não tivesse sido ele, também, aos tempos de estudante, crooner (“fazia o meu sucesso”) da Orquestra Colúmbia, do maestro Toté (Antônio Sergi).

Ele é o hoje famoso promotor Alberto Marino Jr., que, em 1960, daria letra à mais famosa canção de seu pai — o maestro Alberto Marino: a valsa *Rapaziada do Brás*, que marcou e caracterizou toda uma geração, um bairro, uma época. A valsa que, por afinidade inconsciente, foi a mais cantorolada e assobiada da Carneiro Leão até a Bresser, na quinta-feira, quando um decreto em nome do progresso riscou do mapa um dos bairros mais característicos da São Paulo cada vez mais sem tradições.

“Meu pai tinha seus 15 anos quando compôs a *Rapaziada do Brás*... que realmente existiu. E muitas tentativas foram feitas até 1960, para dar letra à música — sem sucesso, porém. Então, naquele ano, o Carlos Galhardo apareceu em casa de meu pai pedindo para gravar a valsa. Por essa época eu era promotor em São Luís do Paraitinga e, casualmente, me encontrava na casa de papai. Meu pai pensou um pouco, virou-se para mim: “Vá, meu filho, faça a letra, af... E ela foi feita assim na hora, sem grandes pretensões...”

E, como tal, reconheceram todos os nostálgicos, que também sonhavam e pediam uma oportunidade para se lembrarem do Brás das serestas e dos seresteiros, de sua rapaziada romântica a cantar sob a luz dos lampiões, dos bondes puxados a burro, o “6” da Penha e o “10” da Mooca.

Mais do que nunca, tudo isso foi sentido no dia 25 de janeiro de 1968, quando, pela última vez, 66 dos quase 100 primitivos componentes do grupo que ficaria famoso pelo nome e através de uma valsa, reuniram-se na Cantina e Fizzaria Castelões, na rua Jairo Góes. Um encontro tão triste, de velhos sexagenários e septuagenários, que decidiram não mais realizá-lo. Para que, também, encontre-se todos os anos como vinham fazendo praticamente desde o início do

século, se a cada ano o seu número diminuía mais e mais e a conversa a girar em torno dos que haviam partido? Adeus... adeus, quem diria, o Alberto se foi...

E saíram da cantina para prestar a sua última homenagem ao colega e amigo que os fizera famosos, a toda a sua geração, e que morreria 1 ano antes: assim, assistiram à inauguração do Viaduto Alberto Marino — e só podia ser ali, no Brás — e, desde então, nunca mais se reuniram. Paraguaçu, por exemplo, não tira mais o pijama, não sai mais de casa, onde fica assistindo — talvez sem querer — a todos os programas de televisão.

“A *Rapaziada do Brás*” nasceu durante uma serenata, que meu pai fazia para aquela que viria a ser sua esposa e minha mãe, Angela... então, tinha ele 15 anos e ela apenas 13... mas como ele não era de cantar, mas de tocar, violino principalmente, nunca se preocupou em fazer uma letra... também, para que, se dizia tudo?”

Na sala espaçosa, ao lado do mais moderno aparelhamento de som, nostálgicas lembranças, em toda a marca daquele que foi músico, violinista, maestro da Orquestra Sinfônica do Municipal, diretor do Conservatório Musical.

“Moramos ali no Brás até 1951, primeiro na rua do Galzômetro, em cima do Cine Glória... e o cinema acabou, não? Aliás, o Brás, já por esse tempo, não era o mesmo... o Brás dos bares, dos napolitanos, calabreses e sicilianos...”

Um ressentimento? Entretanto, acontece frequentemente. E assim como Tico-Tico no Fubá marcou Zequinha de Abreu, *Rapaziada do Brás* viria também marcar Alberto Marino, o mesmo de Luar de São Paulo, Senhoritas do Brás, Olhar que Fala, Nice (para a filha Dejanice), Tudo Passa, Meigo Olhar...

O promotor, temido nas tribunas, nasceu e morou no Brás. E um romântico, a lembrar da menina que não beijou, das moças nas janelas — “olhos mais brilhantes que o luar” — e faz a dura constatação:

Eu percebo que tudo acabou
Que esse tempo feliz passou
É mudou...
Mudou toda a cidade
Não canta mais
O menestrel de tempos atrás
Não restou nada além da saudade
Não voltarão jamais
Meus tempos de rapaz.

Paraguaçu (Roque Ricciardi)

“Era o bairro mais poético de São Paulo...”

“Era o bairro mais poético de São Paulo...”

E Paraguaçu (de certidão de nascimento, Roque Ricciardi), hoje com 81 anos, pica mais um pouco de fumo Golano, que mistura a um pouco de Tietê, que deixa de lado para pegar um Minister e acender um Pall Mall.

“Eu fui o Roberto Carlos daqueles tempos...”

Realmente, foi. Adjetivos e passáros eram poucos para a publicidade designar o seu canto mavioso: o romântico... o terno... o sabiá... o rouxinol brasileiro. A primeira voz, paulista e do Brás, a cantar no rádio, um dos primeiros cantores brasileiros a gravar um disco.

“Quando queriam se referir a mim, diziam: o Italianinho do Brás... eu não gostava, achava pejorativo, então, um dia, estava com Canhoto à espera de Catulo da Paraíba Cearense, quando o Canhoto, ao vê-lo chegar, falou: — Catulo, o Ricciardi quer mudar seu nome... Catulo: — Qual?... Ricciardi: — Paraguaçu (“velo assim de repente, não sei por que, na hora me lembrei da história de Caramuru e da índia Paraguaçu”). Catulo: — Mas você não sabe que esse nome é feminino? Paraguaçu: — Set... Catulo: — Ótimo, brasileiroíssimo...”

E ficou Paraguaçu. Que em 1924 cantava em um bocal de telefone (“não existia ainda microfones, era o tempo do rádio de galena”), na antiga Rádio Educadora, acompanhado por Alberto Marino: “Foi um sucesso extraordinário, o meu grande apogeu, era ídolo, o Roberto Carlos...”

Os sucessos? Bem-te-vi, Lamentos, Triste Caboclo, Saudades de Alguém, Nunca Mais, Morrer de Amor... sucessos que, na década de 20, quando o rádio brasileiro era praticamente puro amadorismo, faziam entretanto com que Paraguaçu chegasse a receber até 300 cartas por semana, de “rádio-fãs de todo o Brasil, até do Uruguai...”

“Mas tenho dois discos fadídicos...”

Não que não tivessem tido sucesso. Muito ao contrário. Nunca Mais provocou, oficialmente, cinco suicídios, e Morrer de Amor, o de um casal. O amarelado recorte que Paraguaçu acaba de desencavar, mostra um rapaz e uma moça, ele ainda com o revólver na mão direita, sob a manchete: “Morrer de Amor... ao som da popularíssima valsa os dois apaixonados deixam o mundo...”

“Também na Hungria aconteceu algo parecido... a canção se chamava Um Domingo Triste; provocou 27 suicídios,

até que o governo se viu obrigado a proibi-la... Morrer de Amor? Era assim...”

Hás de chorar
Ai, como eu chorei
Quando souberes amar
Como eu te amei
Hás de sentir
Como é negro o meu sofrer
Pois quem ama não descanse
Até morrer...

“Sim, éramos todos românticos, sentimentais... e, mais do que o Bexiga, a Liberdade, o Bom Retiro... o Brás. O Brás das serestas e dos seresteiros, dos bandolinistas, flautistas e violeiros, o Brás dos footings na Rangel Pestana, dos namoros de olhares, cartas e bilhetinhos perfumados... e eu fui o Rei das serenatas do Brás...”

O Brás das cantinas
Do velho imigrante
Que come espaguete
Com gosto varez
Tomando bom vinho
Jogando “tressete”
Fumando cachimbo
Cuspindo pré trás

Paraguaçu dá uma risada, já fumou três Minister, dois Pall Mall, enrola agora um Tietê.

“Quantos discos acha que gravei? 1.077, isso, 1.077, todos em 78 rotações... e quando o Chico Alves veio cantar pela primeira vez em São Paulo, fui o seu protetor, dobrei o seu cachê...”

“Então, vão acabar com o Brás... acabar de vez... ah, como esse, não existirá outro...”

Saudade, saudade
Do Bar do Miraló
Da roda elegante
Fazendo cartas
Do antigo bondinho
Da missa do galo
Eu lembro saudoso
Do meu velho Brás

O silêncio, que de repente se estabeleceu na sala, como que incomoda. Paraguaçu baixa a cabeça. Que lembranças estarão passando por sua cabeça? Teria sido “ostracismo” a palavra que falou? Parece: “A vida de artista é assim... acabou a mocidade, acabou a Arte...”

Chega à janela: dali vê um pedaço da rua do Hipódromo, uma visão que o Metrô vai lhe tirar, apesar de sua casa não estar incluída. Será um desabafo? É o que diz:

“Eu vivi para cantar, não cantei para viver...”

(CONT. NO VERSO - D, E
PÁG. SEGUINTE - E)

FOLHA DE S. PAULO
14/09/75- PÁG. 18 (CONT.)

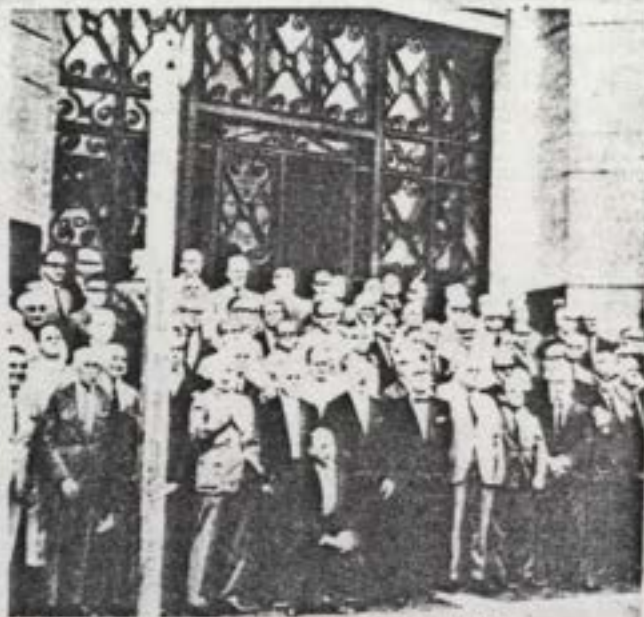
D



Alberto Marino Jr. exhibe o violino de 200 anos.



Alberto Marino e sua esposa, musa da Ropaziada do Brás.



O último encontro da "ropaziada do Brás", em 1968.

(CONT. NA PÁG. SEGUINTE-E)



Na estação, a última esperança

Dellor Varela

Muitos dos moradores da estação do Brás não estão tristes com as desapropriações e com a vinda do Metrô. É claro que desconhecem os muitos problemas que as obras causarão (barulho, congestionamento, sujeira, etc.) e acreditam que está chegando a grande oportunidade de o bairro deixar de ser o eterno esquecido da Municipalidade. Mas, o que esta alegria não vê é que a estação do Brás é uma região em decomposição porque a Prefeitura nunca se preocupou com ela.

Nas ruas Prudente de Moraes, Campos Sales, Coronel Mursa e Aristides Lobo, proximidades da futura estação do Metrô, no Brás a notícia da inevitável desapropriação de centenas de casas e lojas comerciais foi bem recebida pela maioria dos moradores.

Nos últimos 10 anos aquelas ruas sofrem de um lento e mortal processo de deterioração. Os sinais da decadência urbana estão estampadas nos velhos e sujos botecos que ainda sobrevivem na Coronel Mursa; nas muitas oficinas mecânicas da Campo Sales e nos cortiços que dia-a-dia vão se formando em todo o quarteirão.

Os únicos moradores que ainda protestam contra a desapropriação são algumas famílias italianas que, mesmo suportando o irritante barulho das oficinas mecânicas, continuam nos seus casarões.

É o caso de dona Ana Galianni, moradora há 38 anos do n.º 163 da rua Aristides Lobo. No pequeno terraço de sua casa, construída em 1922, ela diz com nostalgia: "Aqui eu casei, tive filhos e formei minha família. Saio do Brás mas com muita saudade".

SEM DUVIDAS

Durante os últimos 6 meses, os moradores da rua Coronel Mursa mostraram-se muito apreensivos. Apressados engenheiros visitaram aquela rua com constância, medindo suas calçadas.

Desde então, muitos moradores da redondeza começaram a procurar casas para alugar, principalmente na região da Moóca. Alguns deles, como o sr. Mauro Orecchia, morador da rua Campos Sales, n.º 52, insistiram em permanecer.

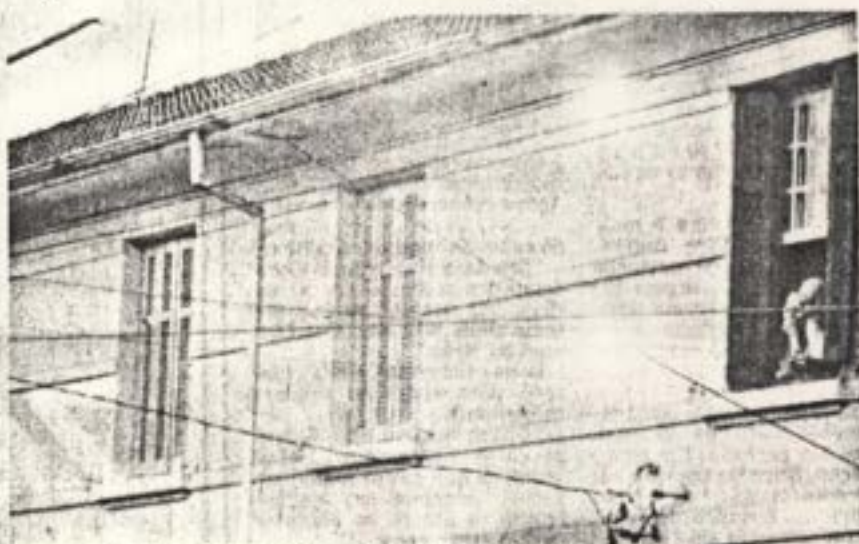
"Esperamos para ver o que ia realmente acontecer. Durante muito tempo os moradores do Brás viviam assustados com boatos, segundo os quais o Metrô passa aqui, passa acolá. Agora os boatos acabaram e não temos mais dúvidas".

O sr. Orecchia mora no Brás há 20 anos num velho casarão cinza, ponto de encontro diário de muitos amigos que conversam sobre futebol e política. Ontem pela manhã, estes assuntos foram deixados de lado. Com o mapa da linha do Metrô na mão, os velhos moradores procuraram situar-se e conformavam-se:

"Até que enfim a Prefeitura de São Paulo lembrou que o Brás existe. Com a chegada do Metrô, quem sabe ganharemos ruas limpas e uma melhor iluminação".

VAICAIR

A mercearia do Felice, na esquina da Campos Sales com a Aristides Lobo, teve ontem uma manhã muito movimentada. Seus habituais fregueses, que costumam pedir mercadorias sempre em italiano, depois de tomarem vários copos de cachaça ou vinho, lamentavam que o



A espera da estação e pensando em dias melhores.

prédio onde está instalada a mercearia fosse desaparecer.

"A mercearia já foi um movimentado bar onde as famílias de italianos comiam pizzas. Muitos casamentos nasceram aqui, quando passava-se noites agradáveis, tomando vinho e ouvindo serenatas", diz uma freguesa.

Nos últimos 10 anos, as serestas foram esquecidas, as mesas de mármore foram vendidas. Hoje a mercearia do Felice vive apenas de sua nostalgia. No salão onde haviam mesas, sacos de arroz e feijão revelam a mudança de novos tempos. De sua paisagem antiga, resta apenas o balcão, onde os italianos ainda consomem muito vinho.

Para Rubens Felice, atual dono da mercearia, "o progresso não pode ser detido pela saudade. O Metrô vai melhorar o Brás".

PAZAMEAÇADA

Quando chegou ao Brás, há 17 anos passados, dona Maria da Rocha, moradora da rua Aristides Lobo n.º 157, encontrou um "bairro tranqüilo, onde as pessoas passeavam nas calçadas".

Hoje, apenas sua velha casa, cercada de oficinas, resta como lembrança daquela época.

"É verdade que a paz do bairro está ameaçada há muito tempo e com as obras do Metrô vai ser pior. Para não perder o costume de morar no Brás, um bairro que a gente traz no coração, vou mudar para a Moóca, aqui perto".

Na rua coronel Mursa, no entanto não há mais lugar para saudosismo. Seus velhos casarões transformaram-se em cortiços onde vivem dezenas de famílias pobres. Giovanni Fratello, um dos moradores de um destes cortiços, vendedor ambulante na praça da Sé, lembra-se:

"O resto de festas, com muito vinho e alegria acabou. Hoje o Brás está morrendo e sómente o Metrô poderá salvá-lo. Pessoalmente quero que o Metrô chegue logo, pois assim vou à Sé bem mais rápido, vender minhas bugingangas".

O sr. Gradinoro Antonni, sapateiro na rua coronel Mursa n.º 115, compara o Brás com as velhas oficinas mecânicas: "é tudo um cacareco caindo aos pedaços. O Metrô vai vestir o bairro de roupa nova".

Ele e seus ajudantes já estão cuidando de mudar-se, apesar das muitas lamentações dos fregueses, que afirmam que "ninguém como Antoni sabe por tão bem um salto de sapato".

A ESPERA

Na próxima semana os moradores das ruas situadas nas proximidades da estação do Metrô, no Brás, pretendem ir ao gabinete do prefeito Olavo Setúbal para saber até quando poderão permanecer nas suas casas e lojas comerciais.

Diz o sr. Antonio Madureza, um dos comerciantes da rua Aristides Lobo, uma espécie de líder dos moradores.

"Não queremos que aconteça com nós o que aconteceu com muitos comerciantes da Ladeira da Memória, que tiveram pouco tempo para mudar-se".

Segundo ele "é preciso que os moradores se movimentem de maneira racional. Muita gente da rua Piratininga, que não será atingida pelo Metrô, está arrumando as malas, por simples falta de informações corretas".

Diz o sr. Dalton Bessa, morador da rua Campos Sales.

"Sei que minha casa fica na rota do Metrô, mas não sei se ela será derrubada, pois muitas casas da rua deverão escapar das marretas dos operários da Prefeitura".

É como a maioria de seus vizinhos, ele acha que "difícilmente a Prefeitura pagará o justo valor dos imóveis".

DESVALORIZAÇÃO

Na opinião de alguns corretores de imóveis da Zona Leste, a desvalorização imobiliária das casas e lojas nas ruas coronel Mursa, Aristides Lobo, Campos Sales e Prudente de Moraes é uma realidade que poderá criar situações críticas para alguns proprietários.

Diz o corretor Antunes de França que "muitos proprietários pensam que suas casas valem 500 mil cruzeiros, quando na realidade elas valem apenas 250 mil cruzeiros. A zona imobiliária que cerca a rua Piratininga está hoje em franca decadência e consequentemente seus imóveis vão perdendo o valor".

Diz ainda ele que "a Prefeitura foi realmente muito racional quando traçou a linha do Metrô justamente na parte mais desvalorizada do Brás, fazendo uma economia para a Municipalidade".



A maquete é atração para adultos e crianças.

Novo programa no Brás é visita ao estande do Metrô

Como um circo que chega à periferia e provoca um rebuliço danado na vida de seus habitantes, o estande educativo do Metrô, montando no Brás para esclarecer a população quanto à construção, funcionamento e uso do novo meio de transporte que, em 1979, deverá estar servindo a região, está modificando os costumes dos moradores do bairro. Agora, o programa das tardes de domingo e das horas de lazer é visitar aquela enorme e abafada sala onde funciona o estande.

Inaugurado sábado, quando o prefeito e outras autoridades abriram oficialmente a construção do trecho Sê-Brás da linha Leste-Oeste, o estande, que está instalado na rua Piratininga, na esquina com Campos Sales, conseguiu atrair 200 pessoas das 9 às 14 horas de ontem.

Deixando de lado todos os transtornos que a construção da linha Leste-Oeste já causou (e causará) ao bairro — 900 desapropriações e a morte de alguns imigrantes italianos que não resistiram à notícia de que suas casas seriam demolidas para dar passagem aos modernos trens metálicos — os visitantes mostram faces sorridentes ao percorrer as dependências do estande.

"Olha aí que beleza! — exclama Gilberto Mordente ao ver a maquete da linha Leste-Oeste. A maquete não está completa, faltam algumas ruas, mas dá bem para a gente ver como será a operação

do Metrô".

Gilberto mora na rua 21 de Abril, tem carro e, para ir à sua indústria de produtos químicos, situada na Mooca, não precisará utilizar o Metrô. Ainda assim, fez questão de ir ver como será a nova linha, pois acredita que "o Metrô não só trará benefícios ao Brás como para a cidade inteira".

Quanto aos transtornos que a nova linha vem provocando, Gilberto apenas afirma: "não podemos reclamar dos problemas que a construção do Metrô está trazendo para o bairro. Se queremos progresso, temos que sofrer um pouco".

Além da maquete, que tem trenzinhos funcionando ininterruptamente, o estande apresenta um exposição de fotografias da região e da linha Norte-Sul, além de algumas máquinas, circuitos e outros aparatos eletrônicos e mecânicos que servem para mostrar como o Metrô consegue andar tão depressa.

Diante das fotografias do bairro, os visitantes se demoraram um pouco mais. Fazem questão de mostrar suas casas, perdidas em meio a fábricas e armazéns, ou o local onde se erguiam antes de serem demolidas pela Cia. do Metrô.

"Minha casa fica bem aqui — diz a portuguesa Júlia Rodrigues (que há 19 anos está no Brasil), apontando para a rua Prudente de Moraes, onde mora há 17 anos. O Metrô passará na porta de

casa. Sei que sofrerei muito com as obras, pois montei um bazar na garagem e agora pouquíssima gente frequentará a rua. Mas o que posso fazer?"

A família de Júlia já tem uma triste experiência com o Metrô. Quando foi construída a linha Norte-Sul seu marido quase foi à falência: era proprietário de um bar na rua Domingos de Moraes.

"Como eu estava sempre no bar, vi o Metrô ser construído palmo a palmo. E por isso mesmo que não o utilizo, nem o utilizarei jamais. Vi os operários colocarem aqueles parafusos fracos para sustentar as paredes do túnel por onde o trem corre. A sensação que tenho é que desabarão a qualquer instante. Morro de medo."

Paulo Elias Moidin mostra em uma das fotografias onde ficava sua casa, agora destruída para dar lugar às obras da linha Leste-Oeste.

"Era bem aqui, na esquina da rua Aristides Lobo com Campos Sales. Agora, mudamos para o Belém, mas todos os dias venho ao Brás, onde estudo, trabalho, onde estão os meus amigos. Antes de vir o Metrô, o pessoal da rua se reunia, conversava na porta de casa, se divertia. Agora todos foram expulsos de suas residências. Vai ser difícil aparecer uma turma igual aquela."

Apesar das lamentações, Paulo, de 16 anos, não deixa de reconhecer que o "Metrô é uma maravilha, e só trará progresso ao Brás".

"Já andei de Metrô e achei sensacional. Não vejo a hora que comece a funcionar aqui. É tão moderno que a gente até duvida que seja realidade. Fico pasmado só de ver aquela máquina que recolhe os bilhetes. Eles entram e saem direitinho, e ninguém precisa controlar as operações."

Metrô de São Paulo



Dona Júlia garantiu que jamais usará o Metrô.

Os reis do ^(A) samba paulista

Só depois que Adoniran Barbosa deixou de ter vergonha pelos seus erros de português e Paulo Vanzolini acumulou algumas músicas nos intervalos de seu trabalho como zoólogo, que São Paulo começou a mostrar sua realidade em samba. De uma forma até hoje não superada.

Aos 67 anos, Adoniram Barbosa continua falando as mesmas coisas:

— Só faço samba prá povo. Por isso, faço letras com erros de português, porque é assim que o povo fala. Além disso, acho que o samba, assim, fica mais gostoso de cantar. E olha, sou o único compositor que cria polêmica nas escolas, as professoras ficam discutindo com os alunos as minhas letras e ensinando que é assim que se fala mas não assim, que se escreve.

E mantém mais ou menos os mesmos hábitos: marca entrevistas em bares, fuma três maços de cigarro pro dia, toma uísque. E, como vem fazendo nos últimos anos, volta cedo para casa, deita às 10h30 da noite e se levanta às 6 da manhã. Reclama dos direitos autorais. Até dezembro passado, vinha recebendo apenas uns 12 mil cruzeiros por ano, e torce agora, para que a arrecadação mude mesmo, depois que o controle passou para o Governo Federal.

Os sambas? Continua fazendo, mas sem aquela pressa de antigamente porque já não tem mais o fôlego de um jovem. E nem tanta inspiração. Põe muita fé na sua última composição, Envelhecer é uma arte: Conta que até a moçada canta junto, quando ele a apresenta nos shows que vem fazendo pelo interior, com o conjunto Talismã, sob o patrocínio da Secretaria da Cultura do Estado. A letra diz assim:

"Velho amigo/Não chores/Prá que

chorar/Quando alguém/ Ihe chama de "velo"/Não dê bola/Não esquentá a cachola/ Quando alguém lhe chamar de "velo"/Sorria/Cantando assim/ Sou "velo", só feliz/Mais "velo" é quem me diz/. Comigo também acontece/Gente que nem me conhece/ Gente que nunca me viu/ Quando passa por mim/Alô, "velo"/Ol, tio/ Eu não perco a estribeira/Levo na brincadeira/Saber envelhecer é uma arte/Isso eu sei, modestia à parte".

Este samba já foi gravado por um outro cantor, mas Adoniran vai cantá-lo no seu próximo LP, junto com seus velhos sucessos e mais três outras composições recentes: Nego Serafim, Fica Mais um Pouco Amor e Mãe, Eu Juro. Em maio deverá gravar um programa especial para a TV Globo, onde, além de cantar, vai contar coisas da sua vida.

Quando Adoniran gravou Saudosa Maloca, em 1950, não aconteceu nada. O sucesso só veio quatro anos depois, quando foi feita uma gravação com os Demônios da Garoa.

Aí, o Brasil inteiro tomou conhecimento do samba-maloca ou sambapaulista que ele vinha fazendo há muito tempo, mas tinha vergonha de mostrar: Samba do Ernesto, Progressão, As Mariposa e tantos outros. O último de sucesso nacional foi gravado no final de 1964: Trem das Onze. Sem que ninguém imaginasse, os cariocas começaram a cantá-lo no Carnaval de 65 e a música tirou o primeiro lugar no Rio.

O nome de Adoniran é João Rubinato, mas ele sempre achou que isso não era nome de artista. Por isso, quando entrou para o rádio, onde fez programas humorísticos, adotou o Adoniran de um amigo e o Barbosa de um outro. Seus pais eram italianos e ele nasceu em Valinhos, mudando-se, aos nove anos de idade, para Jundiaí e, aos 14, para Santo André. Nunca gostou de estudar e só concluiu o terceiro ano primário. Em compen-

(CONTINUA NO VERSO(B), E NA PÁGINA - C).



Adoniran, envelhecendo famoso mas quase sem dinheiro

sação, começou a trabalhar muito cedo, ajudando o pai no carregamento de madeira em Jundiá. Quando morava em Santo André, vinha a São Paulo todos os dias e arranhou os mais variados empregos: encanador, pintor de paredes, entregador de marmidas, balconista, serralheiro e garçon.

Já foi garçon, pintor de paredes, encanador e balconista

Fazia os sambas e guardava. Quando era balconista, batucava com os dedos no balcão da loja e cantolava um samba de breque quando chegava algum freguês. Um dia, em 1933, criou coragem e participou de um programa de calouros da Rádio Cruzeiro do Sul: tirou o primeiro lugar cantando Filosofia, de Noel. Em 1935, estreava no Carnaval com uma marchinha, Dona Boa, de parceria com J. Aimberê, vencedora do concurso paulista. Então, entrou para o rádio e foi de tudo na Rádio São Paulo, menos operador e técnico. Mas o rádio só lhe daria fama quando, na Record, criou tipos humorísticos como Charutinho, Arquibaldo Porpeta, Barbosinha Mal Educado da Silva e outros.

Nas horas vagas fazia samba: Apaga o Fogo Mané, Prá Que Chorar, Joga a Chave, Quem Bate,

Asa Negra, Pode Ir em Paz, Aquil Gerarda, Pafunça, Ai Gulomar, Por Onde Andará Maria. Pegava um fato acontecido com um amigo ou com ele mesmo e bolava um samba em cima. A história de Saudosa Maloca é muito conhecida: morava na rua Aurora, diante de um hotel que estava para ser demolido. Ali, alguns homens que não tinham onde dormir pulavam o muro e passavam a noite no casarão vazio. Adoniran chegou a conhecer dois deles, o Joca e o Mato Grosso. Quando o hotel foi demolido, veio o samba. Já as mariposas de que fala em outro samba eram os bichinhos de lâmpada mesmo: viu um monte deles caídos numa poça d'água na avenida São João. O público é que deu a interpretação de mulheres da vida na letra e, de fato, o paralelo, embora sem querer, é perfeito.

Os papéis cômicos que fazia no rádio levaram-no ao cinema e foi ator coadjuvante em Cantinho de Terra, O Cangaceiro, Candinho e A Carrocinha, todos da Vera Cruz. Mas foram as novelas para a televisão (Mulheres de Areia e Os Inocentes, na Tupi), no começo dos anos 70, que fizeram o público conhecê-lo na rua. Fica contente quando alguém vem lhe pedir um autógrafo. Tanto assim, que está pensando em aceitar um novo convite da Tupi:

— Novela dá muita mão-de-obra, mas vale a pena.

Dirceu Soares

(CONTINUA NA FOLHA
SEGUINTE - PÁGINA - C) →

Um cientista na música

Paulo Vanzolini leva, quase sempre, um ano compondo um samba. Bola uma parte, depois começa a elaborá-la e vai lapidando, lapidando e só o mostra para os amigos depois de completamente pronto, exato. Além disso, faz samba por hobby. Seu negócio é a ciência, como diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Resultado: em 25 anos de música, só compôs uns 30 sambas.

— Não estou parado — diz ele, aos 53 anos. Como não pertence a nenhum movimento, siga na minha rotina de compor devagar e sempre. Até que, ultimamente, acelerei um pouco: fiz quatro sambas em dois anos, O Sabor da Liberdade, Mão de Macaco, Raiz e O Rato Roeu a Roupa do Rei de Roma.

O Sabor da Liberdade diz assim: "Você diz que eu pus tantas outras no seu lugar/ E sinal que eu não consigo me ajustar/ Que não temo concorrência de mulher/ Volta a hora que quiser/ Pro meu peito deserto".

Muito metódico, só começa a falar de samba depois das seis da tarde, quando pára de trabalhar. Ai, muda inclusive o jeito de falar. Durante o expediente, não espicha assunto nem pelo telefone e é completamente seco do outro lado da linha. Depois das seis, lá mesmo em sua sala do museu, entre bichos embalsamados, livros e arquivos, tira uma garrafa de pinga de um armário e toma um trago para falar de samba. Muito modesto, acaba não falando quase nada de si mesmo. E pede para não publicar quando fala mal de algum cantor ou compositor, como por exemplo, que Maria Betânia não sabe fazer divisão em samba, que Caetano só sabe fazer (e faz bem) o frevo, que Chico nunca deveria ter composto Sablá e que vai ser muito difícil ele superar Pedro Pedreiro feito quando tinha apenas 18 anos. Tem elogios para Carmem Costa ("a melhor sambista do Brasil") e para Carlos Paraná ("cantava tão bem Napoleão que, depois que ele morreu, não quero que ninguém mais grave este samba").

Não sabe música, não toca nenhum instrumento e canta desafinado

Paulo Emílio Vanzolini é paulista, se formou em Medicina, Advocacia e Zoologia. Antes de fazer samba, era poeta. Começou a gostar de samba quando era garoto, ouvindo rádios do Rio e, no final da década de 30, já participava de rodas de samba pelas madrugadas, batendo caixa de fôforô. Não sabe música, não toca nenhum instrumento e canta desafinado. E aqui faz outro elogio:

— Cristina, irmã de Chico Buar-



Vanzolini, em 25 anos de música, 30 sambas compostos

que, entende rápido o que eu quero dizer num samba e interpreta direitinho.

Quem primeiro gravou um samba seu foi Inezita Barroso, em 1952: Ronda, que foi a melhor gravação dessa música, segundo ele: Inezita estava ótima e era acompanhada por Menezes, Bola Sete, Abel Ferreira e Canhoto. E ele não entende porque depois ela resolveu ficar cantando só músicas folclóricas.

Seus sambas têm um jeitão de Noel Rosa até hoje e muitos são engraçados, como O Suicídio, onde conta a história de um homem que desiste de se matar depois de pular do viaduto do Chá, tomar veneno e fazer uma porção de tentativas sem nenhum resultado. Seu samba mais conhe-

cido é Dá a Volta Por Cima, gravado em 1959. Praça Clovis foi bolado (pelo menos a sua estrutura) enquanto esperava um ônibus na cidade e Cravo Branco, numa caminhada que fez a pé da avenida Prestes Maia à Praça da Sé.

Outros Sambas: O Vento, Samba Abstrato, Samba Erudito, Na Boca da Noite. Vanzolini é um sambista radical: detestou e fez tudo para não entender a Bossa-Nova, mesmo quando João Gilberto passou uma noite inteira lhe explicando como era a nova batida. Também odiou o movimento Tropicalista:

— Brincadeira inconsequente de difícil digestão. Ainda bem que acabou

D.S.



Mário Lago e Adoniram Barbosa

O melhor lugar para a música brasileira — uma ilha cercada de sucessos estrangeiros por todos os lados — poder levantar um pouco a poeira sempre foi a tevê. E é na última sexta-feira de cada mês — como amanhã — que ela vai tentar movimentar o jogo do consumo, apresentando-se, com toda a força, na TV Globo. Neste primeiro "Levanta poeira" — que irá ao ar depois de alguns problemas técnicos — haverá de tudo, de Nelson Cavaquinho e Adoniram Barbosa, a Alcione e Martinho da Vila. Uma lista de 50 nomes, entre músicos, cantores e regionais, todos apresentados por Osvaldo Sargentelli, que vai colocar suas mulatas para fazer as coreografias dos números musicais.

A cantora Alcione terá um destaque especial e vai cantar com Sílvio Caldas. Além destes nomes, vão aparecer também Altamiro Carrilho, Mário Lago, Nelson Cavaquinho, Cartola, Roberto Ribeiro, Jamelão, Elton Medeiros, Xangô da Mangueira, Ivone Lara, Delegado (uma exportação carioca para São Paulo), Elizete Cardoso, Clementina de Jesus, Mano Décio da Viola, Herivelto Martins, Gigi da Mangueira e mais gente do chorinho, como Abel Ferreira, Raul de Barros e Valdir de Azevedo. Além do compositor Billy Blanco e o coral da Universidade Gama Filho.

Cada apresentação de "Levanta Poeira" — que traz de volta os grandes musicais da tevê, ultimamente tão esquecidos — vai mostrar alguns aspectos da música popular do Brasil. Amanhã será a do choro, do sambão, das músicas de Noel e Chico Buarque.

Para esta primeira gravação, todos os artistas gravaram durante quatro dias na quadra da Escola de Samba Mangueira. No início, estavam previstos dois dias de gravações, mas o trabalho se estendeu, pois os tapes dos primeiros dois dias não agradaram e o programa teve que ser regravado. O horário se estendeu demais, prejudicando artistas como Mário Lago, que chegou a passar mal, devido à fome e à estafa.

Rio

Fotos: Manoel da Paixão Pires

ACONTECE



O samba urbano de Adoniram e o partido alto de Geraldo, no Seis e Meia.

O bom do samba paulista

Hoje é a última chance de assistir o novo samba de Adoniram Barbosa homenagem à Praça da Sé, e o samba-enredo que a Escola de Samba Paulistano da Glória apresentará no próximo Carnaval, composto por Geraldo Filme. Ambos estão desde segunda-feira, no Teatro Pixinguinha, (rua Dr. Vila Nova, 245) se apresentando na série "Seis e Meia".

Além das novas composições, os dois sambistas diferentes na linha de atuação (um faz samba urbano, o outro de partido alto), cantarão a cidade de São Paulo, divulgando o samba paulistano e provando para os que ainda duvidam que o samba, em São Paulo, não morreu.

No show, que tem participação especial do Conjunto Talismã e dos Principais do Samba, Adoniram mostra também a música feita para as garis: "Margarida", e Geraldo, em "Oração em Tempo de Festa", conta as artimanhas usadas pelo negro para conseguir exercer sua religião trazida da África. O espetáculo, dirigido por Roberto Jardim, tem ainda a história do tempo que Geraldo, ainda pequeno, entregava roupas para uma tinturaria, da qual Adoniram era freguês.

Segundo Roberto, o show partiu de uma pesquisa sua. Ele fez um levantamento do trabalho dos dois compositores e apresentou-o ao SESC, usando os pontos comuns dos artistas: "O Geraldo fez aquele samba dramático, falando das favelas da Barra Funda e Cortiços do Bexiga (Bela Vista). Adoniram usa a mesma temática, mas por uma abordagem mais irônica, quase humorística".

Geraldo considera o show partiu de uma pespectiva pois lhe deu a chance de ser conhecido também como compositor de "meio de ano" e não só de samba-enredo. "Isto é um bom começo

e eu ficaria satisfeito se fosse estendido aos outros compositores de Escolas de Samba. Tem gente fazendo boas músicas, com obras importantes para o samba paulista. Nas quadras das escolas de samba, tem muito compositor de valor que só pode mostrar seu trabalho nas próprias quadras".

Roberto adianta que está preparando outra proposta para o SESC, com o objetivo de abrir novas oportunidades para os que nunca aparecem. Nesta proposta ele incluiu os compositores Zeca da Casa Verde e Gerinano Matias. E este mesmo show, com Geraldo e Adoniram, já está programado para ser incluído no Projeto Seis e Meia, do Teatro João Caetano no Rio, em janeiro.

Além de presidente da Escola de Samba Paulistano da Glória, Geraldo foi eleito, no começo do ano, presidente da entidade que congrega todas as escolas de samba da Capital (53, incluindo os blocos) a União das Escolas de Samba de São Paulo. Segundo ele, este próximo Carnaval marcará uma nova época na história paulista desta festa: "os jovens nunca viram um bom Carnaval, estou certo que este ano (1978) conseguiremos deixar saudades."

A entidade assinará um contrato de prestação de serviços com a Paulistur S/A, empresa que tem Armando Simões Neto (ex-secretário de Turismo) como presidente e se propõe a organizar o Carnaval paulistano. As escolas estão unidas em torno da entidade, com todas as propostas votadas em assembleia. Isto lhes deu força para pleitearem o contrato e a saída antecipada da verba a elas destinadas. Com o dinheiro chegando mais cedo, fica possível um planejamento e uma preparação melhor das escolas de samba.

Toca-disco

Adoniran perdido na Praça da Sé

Pobre praça da Sé. Primeiro, veio o Metrô — dono de tudo. Implodiu, esburacou, ocupou o pedaço o quanto quis e como quis. Depois, chegou a Emurb. E seus homens despejaram ali a concreteira de seus cérebros: o resultado foi uma praça desumana, quase lunar. A Sé hoje não é uma praça, é uma ampla estação de metrô, em baixo e em cima.

Pobre praça da Sé. Sua última esperança era de que um bom sambista que tivesse a alma do povo cantasse bem o que ela foi, redimindo assim todos os pecados nela cometidos em nome de um progresso simplista, que bota concreto em tudo e pronto.

Certamente, a velha praça ficou alegre quando Adoniran Barbosa, um dos poucos sambistas-cronistas da cidade, pensou em prestar-lhe uma homenagem. Mas, pobre praça da Sé, nem um bom samba conseguiu.

Adoniran Barbosa é hoje



Adoniran
Barbosa.

apenas um mito. Seus últimos sucessos têm mais de dez anos e ele unda repetitivo. Seu samba Praça da Sé, lançado em compacto para faturar a inauguração de nova estação do metrô está longe demais daquilo que ele foi nos bons tempos. Mais longe do que Santana e Jabaquara. Um samba bobo, sem poesia, uma melódia sem marca. Uma crônica morta, cheia de frases

feitas, como se fossem moldadas em concreto. Até parece um samba feito pela Emurb e não pelo autor de Saudosa Maloca:

“Quem te conheceu há alguns anos atrás/ Como eu te conheci não te conhece mais/ Nem vai conseguir te reconhecer/ Se hoje passar por aqui/ Alguém que já faz algum tempo que não lhe vê/ Pouca coisa tem que contar/ Pouca coisa tem que dizer/ Vai pensar que está sonhando/ E natural, nunca vi coisa igual/ Da nossa praça da Sé/ Quase não tem mais nada/ Nem o relógio que marcava as horas/ Pros namorados encontrar com as namoradas/ Nem o velho bonde dim-dim-dim/ Nem o condutor, dois pra lá e um prá mim/ Nem o jornalista provocando o motoneiro/ Nem o engraxate jogando caixeta o dia inteiro/ Era uma gostosura ver o cambô/ Correndo do fiscal da prefeitura/ E o progresso/ Você tá bonita por baixo/ Você tá bonita por cima/ Só indo lá pra ver/ Mas não vá sozinho, meu senhor/ Que o senhor vai se perder”.

Sem dúvida, Adoniran se perdeu. Ou, então, fez o samba durante uma viagem do metrô: depressa, sem ver nada.

Dirceu Soares

Fortuna

Toca - discoteca

O novo samba de Adoniran, 'Praça da Sé'

Enquanto as discotecas discotecam e as músicas cash-box nos cash-boxeiam, ganhando pelo chamado nocaute técnico, críticos especializados em MPB (Música Popular Brasileira) vão derrubando pelo seu lado. Um serviço completo. Que quem lê, às vezes nem vê. Pois tais críticos se apresentam calçados com as luvas da Imparcialidade Crítica. Não gostou, mete o pau. Um direito que não se pode negar a ninguém. Só que, como são críticos especializados em MPB, eles só metem o pau na Música Popular Brasileira. Não é interessante?

(Aliás, esta Imparcialidade Crítica, que só critica a Música Popular Brasileira — enquanto as discotecas discotecam e o cash-box nos cash-boxeia sem comentários —, esta Imparcialidade Crítica eu acho que é parenta da chamada Objetividade Jornalística, uma senhora que não só escolhe o que noticiar com destaque, como também tira o corpo fora de emitir qualquer opinião. Haja saca pra aguentar estas senhoras!)



Adoniram Barbosa

Mas, voltando à Imparcialidade Crítica dos críticos que só criticam a MPB (Música Popular Brasileira), sinto-me inteiramente à vontade em dar este alô pro meu colega Dirceu, pois como não sou crítico especializado em MPB, não vou concorrer com ele, derrubando a MPB. Muito pelo contrário.

Estou dando este alô pro meu colega Dirceu, por causa da derrubada que ele deu esta semana no nosso Adoniran Barbosa, que acaba de lançar em compacto o samba "Praça da Sé".

Pra mim, que sou seu leitor, colega Dirceu, o Adoniran não é um mito, como você escreveu. Mito é cantor discotêquico e cash-boxeur. Não o Adoniran, que

conseguiu emplacar com voz do povo que ele é.

Mas pra você, colega Dirceu, não pensar que tô aqui também a fim de derrubar vou confessar, de público que gostei de um pedaço da sua crítica. Aquele em que você dá, na íntegra, a letra do samba do Adoniran, pra seus leitores verem como ruim, e que transcrevo aqui pra enriquecer a minha seção.

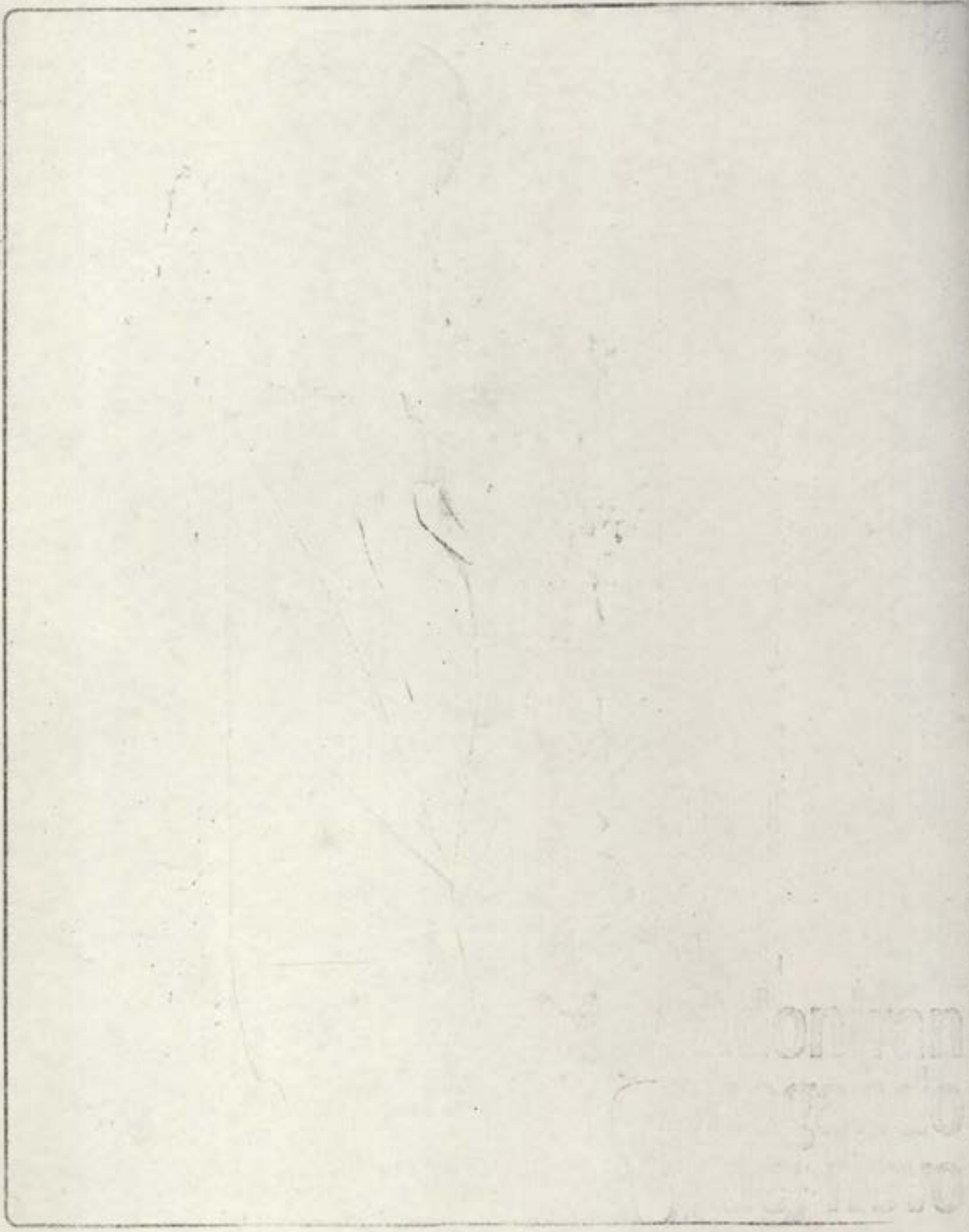
"Quem te conheceu há alguns anos atrás/ Como eu conheci não te conhece mais/ Nem vai conseguir te reconhecer/ Se hoje passar por aqui/ Alguém que já faz algum tempo que não lhe vê/ Pouca coisa tem que contar/ Pouca coisa tem que dizer/ Vai pensar que está sonhando/ É natural, nunca vi coisa igual/ Da nossa praça da Sé/ Quase não tem mais nada/ Nem o relógio que marcava as horas/ Pros namorados encontrar com as namoradas/ Nem o velho bonde dim-dim-dim/ Nem o condutor dois pra lá e um pra mim.

Nem o jornaleiro provocando o motoneiro/ Nem o esgraxate jogando caixeta o dia inteiro/ Era uma gostosura ver o camelô/ Correndo do fiscal da prefeitura/ E o progresso/ Você tá bonita por baixo/ Você tá bonita por cima/ Só indo lá pra ver/ Mas não vá sozinho, meu senhor/ Que o senhor vai perder".

São Paulo Domingo 9 de Abril de 1878

FOLHETIM

Não pode ser vendido separadamente



don't
can
be
separated



Todas as tardes, há quase cinco anos, ele aparece por ali, na General Jardim esquina com Bento Freitas. Entra no bar de seu amigo Maximínio - o La Barca - como se invadisse sua casa. Põe o chapéu sobre a mesa, chapéu mais manjado que os travestis que circulam por ali, e diz: "Me dá um mé (uisque)". E deita a conversar até o entardecer. Foi aí que chegaram os repórteres Sérgio Gomes e Roberto Jardim, para começar a comemorar os 40 anos de vida artística que este boêmio completa neste mês. O que aconteceu? Um turbilhão de gargalhadas promovidas pelo velho Adoniran.

Sérgio — Explica como é que você vê essa nova onda de pizza rodízio? Antigamente era só boife, agora é só pizza rodízio.

ADONIRAN BARBOSA — Eu nunca fui no pizza rodízio. Eu acho muita graça, acho que isso não existe. Eles inventam cada uma, não? (risos). Eu acho muita graça esse rodízio. Me desculpe, mas eu não vou. Fica assim de gente, eu não vou. Você passa na porta de pizza rodízio, parece mercado, parece que vão dar de graça, está assim de gente. Mas é bom.

Sérgio — É o que é que tem mais nessa cidade aqui, além da pizza rodízio? (risos).

ADONIRAN — Não, não tem mais. São Paulo, São Paulo é uma coisa de louco. São Paulo é um restaurante. A cidade de São Paulo é um restaurante. Você em toda esquina tem um restaurante, você pode ver, não é mesmo? Então, a cidade, o cen-

tro, é um bar e restaurante, toda a esquina tem pra você comer, pra você beber. São Paulo é isso aí, comer e beber.

Sérgio — O que é que tinha há uns vinte ou trinta anos atrás parecido com esse negócio de pizza rodízio? Tinha alguma coisa parecida?

ADONIRAN — Não, não. Nunca pensei chegar a esse ponto. Tinha bife acebolado, o Moraes, na Julia Mesquita, coisa boa. Também só tinha ele pra fazer as coisas de noite, só tinha ele. Tinha bons restaurantes, bons mesmos. Agora são mais ou menos.

Sérgio — Mas o Moraes ainda tem. Agora fala dos outros, lembra alguns aí.

ADONIRAN — Lembro do Palhaço, na São João.

Sérgio — Palhaço?

ADONIRAN — Palhaço, o melhor restaurante que eu já vi na minha vida.

No Botequim de Adoniran



"JÁ SOFRI O SUFICIENTE PRA NÃO ME IMPORTAR COM MAIS NADA... PODE ME HOMENAGEAR QUANTO QUISER, TUDO BEM. NÃO TENHO EMOÇÃO NENHUMA".

Sérgio — Como é que era?

ADONIRAN — Tudo, mas tudo costava internacional, tudo o que você quisesse de bom. Onze horas fechava. Só ia gente bacana.

Sérgio — E bar?

ADONIRAN — O bom era o Bar Guanabara, na Boa Vista esquina com a Ladeira General Carneiro. Lá que era o Guanabara, o bom. Agora, o da rua São Bento já não é o mesmo, né? São os mesmos donos, tudo, mas já não é como era antigamente, não.

Sérgio — E o Parreirinha?

ADONIRAN — É popular, almocel lá hoje. O Parreirinha é bom, lá fica aberto dia e noite.

Sérgio — E o Parreirinha é antigo, não é?

ADONIRAN — O Parreirinha desde a Nébias já é antigo. Era ali na Nébias antigamente, depois passou pra São João e está lá até hoje.

Sérgio — Antes, onde é que ficava?

ADONIRAN — Na Conselheiro Nébias.

Sérgio — Ah, Conselheiro Nébias.

ADONIRAN — É.

Sérgio — Qual era o seu lugar de almoçar?

ADONIRAN — No Palhaço.

Sérgio — O Palhaço acabou quando?

ADONIRAN — Ah, faz tempo. Acabou faz muito tempo já. Eu vou lhe lembrar já, 50, por aí.

Sérgio — Ai você ficou sem o Palhaço e foi pra onde?

ADONIRAN — Aquela foi o melhor que eu vi em São Paulo de restaurante. Aí comecei a frequentar o Parreirinha, de dia e de noite. O Franciscano, que agora é...

Sérgio — Na Consolação.

ADONIRAN — Então, era na Badurá, lá em baixo. Na esquina da Badurá com a São João, aí era o Franciscano. O Café Paravent, não é mais lá, não tem nada lá. No meu tempo era muito bilhar, taxi dancing de noite.

Sérgio — O Martiniell nunca teve nenhum restaurante famoso?

ADONIRAN — Não lembro. Lá tinha taxi dancing São Verde. Lá em cima tinha o Night and Day, e Night Club — cabaré, também, mas coisa fina, coisa boa. Lá cantava o Sierra, o Mário Sena. Cantavam tangos e boleros.

Sérgio — Tem mais ou menos quantos anos que você conhece a fundo o centro da cidade de São Paulo?

ADONIRAN — Ah, muitos anos, muitos anos. Muitos e muitos anos. Muitos anos.

Sérgio — Desde que idade você frequenta o centro aqui da cidade?

ADONIRAN — Ah, eu vim pra centro em 1933, 32, por aí.

Sérgio — Você morava onde?

ADONIRAN — Santo André, em 38. Depois vim pra São Paulo em 32 e aí fiquei por aqui perdido. Morei em pensão e por aí.

Sérgio — Morando em que bairro?

ADONIRAN — Na Glória, rua da Glória, depois Brás.

Sérgio — Ali perto do Teatro São Paulo?

ADONIRAN — É, exatamente. Depois no Brás, depois Be-xiga, Bela Vista, pouca coisa. O mais foi sempre no centro, na Ladeira Perto Geral, morei muito ali em pensão e na rua da Glória, também em pensão.

Sérgio — Agora, lá em Santo André você tinha um seu irmão, que também era artista, não?

ADONIRAN — Tenho irmão artista. E artista na profissão dele. Artista serralheiro ele. A profissão dele é serralheiro. Ele é artista mesmo, é serralheiro.

Sérgio — Fala um pouco do seu irmão.

ADONIRAN — É serralheiro artístico, faz castiños, janelas, portas, quadros, tudo coisa artística, né, de ferro, alto lá mão. Esse é o meu irmão Anjoel. Ainda mora lá.

Sérgio — Você não teve nenhum irmão que foi cantor?

ADONIRAN — Não. Só eu que saí fora do âmbito.

Sérgio — Quantos irmãos você tem?

ADONIRAN — Seis, três mulheres e três homens.

Sérgio — Quer dizer, você artista, seu irmão artista

serralheiro, e outro?

ADONIRAN — O outro pedreiro, também artista, porque é pedreiro? Mora no Rio de Janeiro. Minhas irmãs casadas, cada uma toma conta de casa delas e pronto. São domésticas as três, também são artistas.

Sérgio — Você tem quantos filhos?

ADONIRAN — Eu não tenho nenhum filho. Casel e não tenho filho. Por enquanto não tenho filho, vou comprar um na feira, vou comprar um data na feira (risos)?

Roberto — Será que vende na feira?

ADONIRAN — Vende... (risos)

Roberto — Que feira?

ADONIRAN — A feira do Arouche. Ah, vende sim, só "percura" acha. Mas é feito aí.

Roberto — No tempo que você morava no Mexiga, que lugar você frequentava aqui?

ADONIRAN — O Nick Bar, no Major Diogo, no tempo da Vera Cruz, tempo do bom cinema brasileiro. E eu frequentei muito, muito, muito o Nick Bar. Ali a gente comia bem, gostoso, ali tinha bebidas boas. Não tinha usque nacional, aquele tempo lá só tinha usque estrangeiro.

Roberto — Além do Nick Bar, qual outro lugar no Mexiga?

ADONIRAN — Não, só o Nick Bar.

Roberto — Existia o Nicola no Mexiga?

ADONIRAN — Não, o Nicola no Mexiga não existia, existia no Brás. Ele agora mora em Tatuí, colado.

Roberto — E o que ele faz em Tatuí?

ADONIRAN — Ele é sapateiro agora, tem uma sapataria lá em Tatuí. Eu fui lá passar outro dia. Bom e Nicola, muito bom sujeito.

Roberto — Além do Nicola, existia um outro cara, o Cibides, citado numa música sua? Por onde anda?

ADONIRAN — O "Cibides" é invenção minha, né, a maioria. Só é verdade o Nicola. E verdade em termos, porque o Nicola nunca me convidou pra almoçar na casa dele no Brás, compreendeu? A gente inventou. E o "Arnesto" também não existiu, né? É imaginação da gente. Mas tudo certo.

Sérgio — Você já deve ter contado essa história do "Arnesto" muitas vezes. Mas repete pra gente.

ADONIRAN — Cada vez é diferente (risos). É nova cópia, cópia nova.

Sérgio — Então tira uma cópia nova e conta pra geração dos mais novos como é que o "Arnesto", a história do "Arnesto" foi inventada.

ADONIRAN — Não tem explicação, eu é que pensei num nome, "Arnesto". Não tem explicação, porque eu pensei em fazer o samba do "Arnesto" — "ele mora no Brás". Pronto, fit o samba assim. Não tinha nenhum "Arnesto" no Brás com esse nome. Tinha um Walter, mas não tem nada que ver com o "Arnesto". "Ele mora no Brás, nós "fumos" não encontramos" — a gente imagina, compreendeu? O Mexiga também é imaginação minha.

Sérgio — Você tinha que idade quando fez a primeira música?

DO CADERNO H

O AUTOR INVISÍVEL

Certa vez, quando se realizava um garden-party num dos castelos da Inglaterra, compareceu um distinto ancião, muito bem-posto e apoiado na sua bengala. E, para constrangimento de todos, olhava detidamente na cara de cada um, como se se tratasse de um bicho ou de uma coisa. E como alguém indagasse quem era, respondeu o anfitrião que se tratava do romancista sir Bulver-Lyfton, já completamente gagá e que se considerava invisível.

Gagá? Mas o que ele estava

realizando era o ideal de todo verdadeiro romancista: ser isento de quaisquer inibições, de respeito de qualquer ordem, e ver portanto imparcialmente o mundo. Não embelezar, não reformar, não polemizar: — ver!

CONTRADIÇÕES?

...Mas o que eles não sabem levar em conta é que o poeta é uma criatura essencialmente dramática, isto é, contraditória, isto é, verdadeira.

E por isso é que o bom de escrever teatro é que se pode dizer com toda a sinceridade, as coisas mais opostas.

Sim, um autor que nunca se contradiz deve estar mentindo.

AS MÃES E AS GUERRAS

Se dependesse das mães, não haveria guerras! Mas as filhas preferem os soldados...

A VOZ

Ser poeta não é dizer grandes coisas, mas ter uma voz reconhecível dentre todas as outras.

DA RECORDAÇÃO

A recordação é uma cadeira de balanço embalando sozinha.

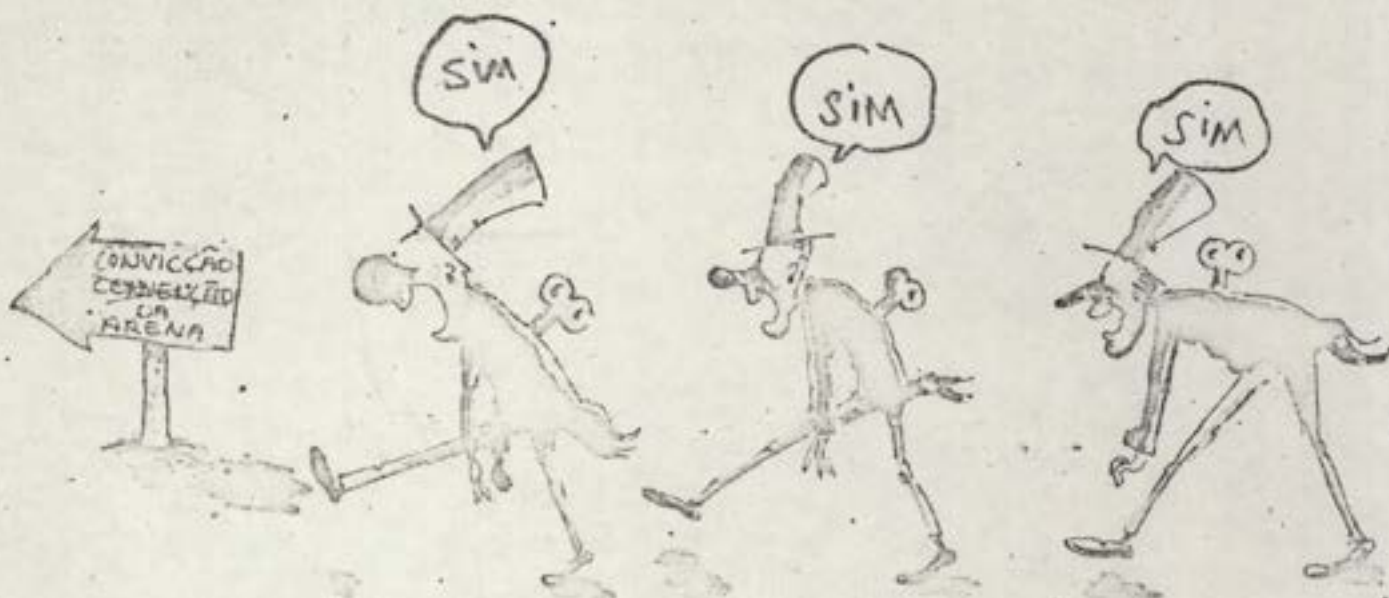
Alcides Carneiro



CARTER VEIO AQUI E NOS
ESCLARECEU TUDO SOBRE
OS DIREITOS HUMANOS...
O HOMEM TALOU BONITO
E...



O HOMEM JÁ FOI
EMBORA!
CIRCULANDO...
CIRCULANDO.



Adoniran, Bexiga, os acontecidos



Adoniran Barbosa em "Vox Populi".

Adoniran Barbosa esteve em "Vox Populi", ele e a envolvimento de uma atmosfera: o velho Bexiga e suas cantinas, seus tipos populares. Cartou a nova Praça da Sé, mas o que lhe traz saudades, mesmo, é a velha: "A Praça da Sé era um bar. Um bar só. Tinha farmácia e tinha bar".

Adoniran curtia seu uísque e falava. Batia a caixinha de fósforo: Trem das Onze, Iracema, Samba do Arnesto. Contava histórias, lembrava fatos, descrevia tipos. A voz não ajudava muito: machucada pela vida, pelo cigarro, pelo uísque (antes era a caninha mas o médico proibiu).

Nasceu com o Corinthians: 1910. Destino do homem do Bexiga, da velha Avenida São João, da Timbiras, da Aurora. Não se tinha deformado aquelas calçadas com o nome pejorativo de Boca do Lixo. Ruas de mulheres fáceis, como se dizia antigamente. Cigarro pendurado ao canto da boca, teve longas andanças pelo miolo da velha São Paulo. Pegava a fala do caipira que descera há pouquinho, na Estação da Luz ou na Sorocabana e também a fala do italo-paulista. Misturava tudo e cantava:

— São Paulo não faz samba? Só o Rio? Batia na caixinha de fósforo: — O que é isto? Não é samba tão bom como o deles?

Adoniran, homem do rádio, da TV, compositor e autor popular, personagem de telenovela, obrigada pela visita que fez, domingo, em minha casa. E ainda com Isaurinha Garcia e tanta gente mais de nossa música indagando coisas de você, inseridas no vídeo. Gosto muito de você, com um dojorido gosto corintiano, gosto de seleção amargo-doce.

Um passeio de Elis pelo Bexiga

No especial gravado com Elis Regina que a Rede Bandeirantes apresentará amanhã à noite, a partir das 21 horas, talvez pela primeira vez o público poderá assistir a uma Elis diferente do habitual. Não que o programa não a mostre sobria, e à vezes contida, desfilando por enários montados em estúdio. Mas sem dúvida, o melhor do especial são os momentos em que ela se mostra descontraída, à vontade.

Entre esses momentos de descontração dois são particularmente curiosos: o passeio com Adoniran Barbosa pelo Bexiga, e o encontro com Rita Lee numa discoteca. Há ainda a sincera emoção que Elis sente ao falar sobre Maysa, a ponto de quase não conseguir conter as lágrimas. No material de divulgação distribuído pela Bandeirantes, ela declara:

"Quanto a fazer o especial, eu me atiro de cabeça e quando a gente se envolve totalmente pinta mil situações: cansaço, prazer, alegria... É um envolvimento total, eu participo de tudo, me dedico toda".

Além de Adoniran Barbosa e Rita Lee, os convidados de Elis são o cartunista Henfil, e o compositor e cantor João Bosco. Com Henfil ela conversa sobre sua peça, "Revista do Henfil" e são exibidos alguns trechos do espetáculo, além de rápidas piadas do humorista. Há ainda um diálogo entre ele e Elis, que não foi diferente do tom das entrevistas que ele vem dando.

Sobre João Bosco ela faz questão de deixar claro que é admiradora do seu trabalho e o acompanha no samba "Plataforma". João apresenta ainda uma música inédita — "O bebado e o equilibrista" — que marca a volta da sua parceria com Aldir Blanc.

Entre as aparições dos convidados, Elis canta músicas antigas, como "Batucada da Vida", "João Valente", "Ensaio Geral". Bem vestida, até demonstrando estar curtindo a roupa elegante e assumindo as vezes toques levemente insinuantes e sensuais, ela demonstra saber lidar com o veículo televisão.

Ainda no material de divulgação da Bandeirantes ela declarou: "A Tv é muito importante pelo público que ela vai atingir. Em uma hora de especial eu alcanço três vezes mais gente que em um ano de teatro. E o meio mais importante de comunicação que há por aí".

A melhor coisa de todo o programa é seu encontro com Adoniran Barbosa. A partir da enorme simpatia do compositor, estabelece-se um relaciona-



Elis Regina descontrolada no Especial da Bandeirantes, amanhã às 21 horas.

mento muito amistoso, presente principalmente numa mesa de bar do Bexiga, onde cantam antigos sucessos de Adoniran. Rápidos flashes sobre uma refeição onde participam Elis, Adoniran e os músicos, dão um certo ar de intimidade, que tem seu auge num passeio pelo bairro.

Ao som de "Saudosa Maloca", cantada por Elis, os dois parecem pai e filha. Belas imagens dão a medida

exata da simplicidade do encontro, e reforçam uma sugestão para as emissoras preocupadas na produção de programas especiais: porque não fazer um "especialão", com mais de uma hora, sobre e com Adoniran Barbosa. Simples, sem balés ao fundo e luzes piscando.

Há muito tempo, a TV Cultura fez um programa especial com Adoniran, mas fica a sugestão.

ADONIRAN — A primeira música minha, ah, faz muito tempo. Não sei bem se ainda e se não gravei. A primeira que se gravou foi no Rio de Janeiro de Caravel.

Sérgio — Como é que era?
ADONIRAN — Chamava-se "Dona Boa", gravada com a orquestra de Juvêncio de Oliveira. Ganhei o primeiro lugar no concurso oficial de Prefeitura. Quilômetros cruzados de prêmio.

Sérgio — Era dinheiro pra cantar, né?

ADONIRAN — Pura vida. Nunca tive amigos, aquele dia trouxe quinhentos amigos. Cada um queria dar-lhes (risos).
Sérgio — Você ainda lembra da letra dessa música?

ADONIRAN — Lembra, lembra, mas não quero lembrar porque é muito triste.

Sérgio — Fala, fala.
ADONIRAN — Não, eu fico muito triste.

Sérgio — Ah, vá.
Roberto — Só um trecho.

ADONIRAN — Me pega o espelho e canta lá. Ele também tem que trabalhar um pouco. Firmos, você tem que trabalhar um pouco também aqui, o que é que é? Pensa que é só ganhar e dinheiro, é? E a marcha: "Dona Boa, dona boa, vem pro cordão e não fique assim à toa! Dona Boa, dona boa, vem pro cordão e não fique assim à toa". E a primeira parte, a outra parte esquecei.

Sérgio — É a parte triste que você está dizendo que não quer lembrar, esqueceu nada.

ADONIRAN — Não, não, eu esqueci porque é triste. Esqueci mesmo.

Sérgio — "Dona Boa, não fique assim à toa, vem pro cordão e não fique assim à toa".

ADONIRAN — Não, não lembro mais. Juro por Deus, não lembro mais.

Sérgio — Essa foi a primeira que foi gravada. Mas você disse que antes já tinha composto uma em Santo André.

ADONIRAN — Tinha, mas jogava fora.

Sérgio — Por que jogava fora?

ADONIRAN — Porque eu não gostava do que fazia.

Sérgio — Quer dizer que você também não lembra?

ADONIRAN — "Teu Ogulho Acabou", samba; "Minha Vida se Consume", samba. Joguei fora essas aí. Não queria saber. Depois em lá, "Malvina", né, pros Demônios da Garça. Fiz depois "Malvina, pros Demônios em lá, não sei. "Joga a Carne", também pra eles. Aí pararam um pouco. Aí fiz "Malvina", fiz "Aracê", "Mariposa", "Poprosão", tudo pros Demônios da Garça. Até hoje eles são os criadores das minhas músicas, sabe? Então eu fiz músicas pra eles, até hoje.

Roberto — Aonde você conheceu os Demônios?

ADONIRAN — Na Record, na Rádio Record. Isso em quarenta e pouco, tá.

Sérgio — É por que é que você não tem mais se apresentado juntos?

ADONIRAN — Porque nos desconhecemos, sabe? Eles viajam muito pro interior. Mas não tem nada não.

Sérgio — Mas não tem um "bafati" qualquer aí dizendo que vocês se desconhecem?

ADONIRAN — Se amamos muito. Não tem nada não. Eles são grandes amigos meus. Cada um tem suas músicas por aí, todo bem, todos meus amigos. Tudo certo. Não tenho nada de mágoa. Não pode brigar com ninguém, né? A gente não se encontra mais né? E agora é a minha vez de ganhar o meu

distúrbio com as minhas músicas e o Guguinho Fuzumá que também está ganhando comigo. Não tem nada, não. Depois de muitos anos vou ganhar eu, com as minhas músicas, depois de muitos anos. Preciso ganhar uma dentinha com a minha música, com a minha cabeça.

Sérgio — Outro dia vi uma revista que tem a coleção dos artistas brasileiros, quanto é que eles cobram para se apresentarem em "shows" e vinda lá coisas do tipo: Roberto Carlos, 350 mil cruzeiros...

ADONIRAN — É a minha também está lá, rias a minha é muito barata (risos). Agora, vou anunciar o preço. A minha vende por 15, 20, 25, 30, conforme a cara do freguês.

Roberto — E quando paga, né?

ADONIRAN — Quando paga. Quando não paga, paga com cheque sem fundo, também está bom. Tudo bem.

Roberto — Recentemente houve uma dessa em Bebedouro. Não foi?

ADONIRAN — Nós fomos lá e choveu muito. Não foi ninguém ver a gente, pela bufezeria. E não deu. Não deu seu Cirilo, mas tudo bem. Tudo certo. Mas tudo foi bem, porque chegamos aqui tarde pra burro, durante o dia, e sem luz. Mas não faz mal não. Depois veio a boa, veio outra boa, não faz mal, porque o Roberto que arrumou esse troço de Bebedouro e Araraquara aí. "É paga, meu amigo, paga, pode ir que é batata". Não foi batata, foi...

Sérgio — Mandioca.

ADONIRAN — Foi mandioca (risos).

Sérgio — Agora, vem cá, você é um dos poucos homens vivos que já foi homenageado por escola de samba, a ponto de virar um enredo.

ADONIRAN — Eu acho que fui o único em São Paulo, de compositor, pela Perola Negra, né, lá de Pinheiros. Fizeram e ganharam o primeiro grupo com a música feita em minha homenagem. Eu dei sorte pra eles.

Sérgio — Agora eu queria que você contasse qual é a emoção, qual é a sensação de um homem que vira tema pra samba enredo de uma escola de samba.

ADONIRAN — Eu não senti nada. Eu sofri tanto que eu estive catatônico. Pra mim tudo é bom. Não sofri, não senti nada. Tudo bem. Tudo bom. Foi embora, passou a Escola, fui pra casa. Não senti nada. Um cara come eu que sofreu muito, que está catatônico... porque eu sofri muito pra entrar, pode me homenagear quanto quiser que está tudo bem. Não tenho emoção nenhuma.

Roberto — Adoniran, eu queria que você contasse uma homenagem que te prestaram, foi num terreiro não foi? A respeito da música "Três das Onze".

ADONIRAN — Terreiro? Não, não, não, não. Foi em Jacaré a homenagem. Deram um show num salão lá, o Geraldo Rieta foi comigo. E choveu. Não foi ninguém (risos). Então, pra não ficar chato, eu e o Geraldo Rieta fomos beber pinga na garrafa, né? Fomos pra casa, todo molhado em homenagem, sabe? Tudo chegando, pra pegar a condução foi um "qual". Não tinha condução nem nada. Homenagem a Adoniran Barbosa, lá em Jacaré. Agora, querem homenagear, mas homenagem eu não quero, quero titulo. Não tem foto, não quero homenagem. Querem me homenagear? Perfeitamente. Quanto me pagam?

Sérgio — Você não foi dos caras que mais sofreram nessa cidade, né?

ADONIRAN — Não. Não, mas eu sofri o suficiente pra não me importar com mais nada.

Sérgio — O que é que você sofreu então, concretamente?

ADONIRAN — Eu sofri pra entrar, ninguém queria, ninguém queria, então porque eu quis entrar, e terminei muito. Muita urada, muita ingratidão.

Sérgio — Por onde que você entrou, quem é que te deu a mão principalmente?

ADONIRAN — Otávio Mendes, Osvaldo Mendes, já falecidos. Mas foi difícil. Foi difícil. Não foi fácil entrar.

Sérgio — Costa isso como foi?

ADONIRAN — Pra cantar é longo, muito longo a história. Então, não foi fácil, foi difícil. Eu entrei porque eu persisti. Eu venci pela persistência, senão não entrava.

Sérgio — Então, mas conta lá.

ADONIRAN — Já lá está cantada!

Sérgio — Você entrou como compositor, como humorista, como é?

ADONIRAN — Como cantor, como cantor. Depois como compositor e depois como humorista. E até hoje eu ainda sou rádio-ator. Hoje sou mais ator do que compositor, sou mais ator, humorista e também sou compositor e também sou cantor, mas entrei como cantor em hora de calouro, depois passei a ser tele-ator. E até hoje sou tele-ator.

Roberto — Aonde você começou, quando?

ADONIRAN — Na Cruzeiro do Sul, Rádio Cruzeiro do Sul, programa de calouro do Paraguassu, Paraguassu, aquele que morreu. Ele que era o diretor do programa de calouro. Ele e o Jorge Amaral. No ano de 22, 23.

Sérgio — Piena Revolução. Você ainda pegou uns tiros dessa Revolução?

ADONIRAN — Não. Não peguei, não. Estava em Santo André mas vim pra São Paulo ver os tiros. Vim assistir os tiros aqui.

Roberto — E paralelamente a calouro você trabalhava em que?

ADONIRAN — Eu trabalhava em publicidade na rua, trazendo

anúncios. Depois de calouro arranjei na Rádio Cruzeiro do Sul minha hora pra mim como locutor e anfitrião de atrações. Então eu fazia o programa por minha conta. Eu tinha 40% de comissão, mas o anúncio eu ganhava e eu que recebia o dinheiro.

Roberto — Quanto é que você ganhava na época?

ADONIRAN — Eu ganhava 40% cada texto. Então era 30 "pau" cada texto, 36 cruzeiros eu ganhava cada texto.

Sérgio — Mas como? Anúncio pra quem?

ADONIRAN — Pra rádio, meu programa, como se fosse um concessionário. A minha hora era minha e eu é quem explorava aquela minha hora.

Roberto — Como chamava teu programa?

ADONIRAN — "Classificador".

Sérgio — E aí o que é que aconteceu? Você cantava?

ADONIRAN — Não, não, discos, Disque-Jôquei, do meu jeito.

Sérgio — Que tipo de disco você punha?

ADONIRAN — Só samba.

Roberto — Quem é que você tocava na época?

ADONIRAN — Aluísio Barbosa, Chico Alves, Sívio Café, Gastão Formentel, Ari Barroso — os bons da época.

Roberto — E, na sua opinião, quem são os bons depois desse pessoal? Hoje.

ADONIRAN — Agora? Bom, tem muitos bons agora. Tem Martinho da Vila, Jorginho do Império, Jair Rodrigues, tem muitos bons por aí, não é? Eu (risos), tem coisa boa por aí.

Sérgio — Chico Buarque. Você pôe ele aí nessa relação?

ADONIRAN — Posso. Mas ele é outra coisa, é fora de série, uma coisa. Nunca apareceu cara igual a ele.

Sérgio — E o Paulinho da Viola?

ADONIRAN — Eu gosto muito dele. Acho-o muito bom.

Roberto — E João Bosco?

ADONIRAN — Ah! Esse é espetacular. João Bosco eu gosto. Compõe bem, toca bem, canta bem a menção. É bom. Roberto Ribeiro é bom também como cantor.

Roberto — João Nogueira é bom?

ADONIRAN — João Nogueira também é bom, pura vida! E se lembrar sabe? Agora tem uma turma boa sabe? Eu (risos). Sempre me inclino.

Roberto — Então, daí daí, o que é que você acha do Carlos?

ADONIRAN — Carlos sempre foi muito bom. Jamor Silva que também era muito bom e morreu agora. Nelson Cavalcante é bom também.

Sérgio — Agora, me explique uma coisa. Você me falou dessa gente toda, mas vê a maior parte deles são caricões. O que acontece com São Paulo que não gerou artistas importantes em quantidade tão grande quanto a do Rio de Janeiro?

ADONIRAN — Não sei explicar isso aí. Porque aqui só se pensa em trabalhar. Lá apenas pensam em cantar samba e então lá tem mais sambistas do que aqui.

Sérgio — Corre a lenda por aí que toda vez que um sujeito tem que pensar em dois grandes nomes representativos da música paulista pensa em Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini. E como se fossem os dois únicos sambistas e compositores paulistas.

ADONIRAN — Não, tem mais, tem melhores do que eu em São Paulo.

Sérgio — Então diz lá.

ADONIRAN — In! Tem o Jorge Costa, tem o Serrão, Jorge Costa compõe bem. Agora, do meu estilo é que não tem ninguém.

Sérgio — Conta aí uma seleção de onze. Quero ver se você é capaz de apontar gente daqui, da cidade, numa seleção de onze caras. Um time paulista.

ADONIRAN — Não dá pra fazer onze.

Sérgio — Então um time de futebol de salão.

ADONIRAN — Bráulio...

Sérgio — Que Bráulio?

ADONIRAN — Você não conhece. O Raimundo Prates, o Geraldo Filme.

Roberto — O Luis Américo?

ADONIRAN — O Luis Américo, pura vida! Bem também. E isso aí. Tem gente boa em São Paulo.

Sérgio — Quer dizer, dá pra montar um time de futebol de salão.

ADONIRAN — Mas sabe o que é que é? E que não vai pro Rio de Janeiro, não toca. Lá toca. Agora, acho que os meus sambas tocam mais lá do que aqui em São Paulo. Não sei, aqui toca pouco, dá pra contar as vezes que tocam minha música aqui.

Roberto — Você destacaria alguém de escola de samba, Adoniran? Algum compositor de escola de samba?

ADONIRAN — O Osvaldo da Cuica é bom, né? O Filme é bom, esse é bom. Agora, lá tem melhores do que aqui, poxa! É evidente, né?

Sérgio — Por que isso?

ADONIRAN — Porque lá é a terra do samba e tem que dar mais do que aqui. Mas no Rio, eu vou pra lá, sou conhecido, gostam de minhas músicas, me respeitam e tratam muito bem. Tudo bom, pra mim lá tudo bem. Tocam minhas músicas, conhecem minhas músicas. Eu fui outro dia gravar aquele programa, como é. "Ífado não tem..." como é?

Roberto — Saudade não tem idade.

Sérgio — O que é que São Paulo tem de melhor do que o Rio?

ADONIRAN — O restaurante: comida (risos)... E não tenha dúvida. E comida mesmo. E mulheres, moças lindas, mais do que no Rio, eu acho.

Roberto — E essa transformação que está acontecendo em

"EU QUERO FICAR SOLTO E FIZ O QUE QUIS DA MINHA VIDA, ATÉ HOJE".



São Paulo, por exemplo a Praça da Sé, misturando tudo, ou mesmo se provocando vontade de fazer um samba, de comentar esse negócio?

ADONIRAN — Metrô, Estação República. Não vou fazer "Estação República", não dá.

Roberto — Não, mas tem que ler um samba do metrô.

ADONIRAN — Do metrô eu fiz da 23 de Maio, "Engenheiro", e o "Praça da Sé". Se cada vez que se fizer uma reforma em São Paulo eu fizer um samba, estou frito né? "Estou frito e enfiado", porque toda hora muda (risos)... "Estou frito e enfiado", como fala Vicente Leporace.

Sérgio — Você não acha o Vicente Leporace muito parecido com você? Você não sente ele meio irmão teu?

ADONIRAN — Ele parece comigo e é quase irmão meu. Temos quase a mesma idade.

Roberto — Me conta uma coisa, Você já morou no Rio, não morou? Como é que foi essa história de você morar no Rio?

ADONIRAN — Eu não morei lá. Eu trabalhava aqui em São Paulo numa empresa rodoviária, de transporte. Eu trabalhava como conferente da agência aqui. Então na hora de carregar o caminhão eu ia conferir a mercadoria pra ver se estava certo. Então eu queria ir pro Rio de Janeiro, minha mãe tinha um álbum de fotografias do Rio, do Pão de Açúcar, do Corcovado, Rio Branco, Copacabana, um álbum bonito, colorido. Então como eu queria ir pro Rio, peguei um caminhão aqui na agência, peguei no peito com o chofer e ele me levou pro Rio. Disse "vou ver se arranjo um emprego", né? E levei o álbum de fotografias do Rio, da minha mãe. Cheguei lá com dez merrês no bolso, não existe mais hoje. Então ajudei a descarregar a mercadoria do caminhão na garagem e eu saí pra rua pra procurar emprego. Todo sujeito, ensabado. Levei uma roupa só, né? Saí pra procurar emprego e arrumei um pra vender cosmético da Helena Rubenstein. Me deram folhetos, tudo. E eu desatinado (risos), bacaninha, magrinho, e então saí com aqueles papéis pra rua, e em todas casas eu ia, situação de belezinha, né? Eu ia oferecer. Então me diziam "muito obrigada, não, não queremos nada não". Não queriam nem falar comigo! Um cara veio vendendo cosméticos (gargalhadas) Abriam a porta: aqui é da... (risos) "Não, muito obrigada, não temos tudo aqui, não". E eu andava. De noite, cansado, ia pra garagem dormir no caminhão. Chegava na garagem, tirava minha camisa, lavava no tanque com sabão e clova (risos), lavava bem, punha no radiador do caminhão pra secar... dormia no lastro do caminhão.

Sérgio — dormia onde?!

ADONIRAN — ...na carroçaria! Você também não sabe de nada? (gargalhadas). Dormia ali, vestia a camisa e saía pra rua outra vez. Almoçava cachorro quente no automático. Lá tinha o automático no Rio. Funha o dinheiro e "têtem", saía e sanduiche: salmicha com pão e mostarda. Ah, rapaz, eu andava com uma dor de cabeça do diabo na madeira, começou a me doer tudo. Falei pra chofer: "Quando é que vai voltar pra São Paulo?" Ele disse "hoje, vou carregar o caminhão hoje". Ah, pra voltar eu vendi o álbum (risos). Vendi aqui em São Paulo, voltei com ele do Rio. Eu vendi aqui pra ir pra Santo André, onde eu morava. Pra passarem, pra ir pra minha casa (risos). Al carregamos o ca-



"FIZ DE TUDO, FUI MASCATE, VENDI TECIDOS, FUI FERRAGISTA, PEDREIRO, PINTOR..."

minhão com caixas de tecidos, ferro, encanamento, tudo. De tarde, às 4 horas da tarde, o caminhão que eu estava junto e que vinha pra São Paulo... os carros que ficam do lado da carroçaria basearam num particular e fomos todos pra Delegacia (risos). Até provar, ficamos lá. E eu disse "eu não tenho nada com isso, não sou o chofer, eu não sei nada". E aí acertaram lá tudo e viemos embora. Chegamos em São Paulo com uma chuva que só vendia. Chegamos em São Miguel onde o chofer morava. Ele desceu, entrou em casa, trouxe pra mim café com leite na cabine do caminhão, tomei o café com leite no caminhão, cheguei aqui na Estação do Brás, desci e vendi o álbum aqui mesmo pra ir pra Santo André, pra passagem. Disse pra minha mãe que vinha do Rio e que não arranjara nada. Coetei a aventura e ela deu tirada, collada. Ia brequear?

Sérgio — Quantas coisas você já fez aqui em São Paulo?

ADONIRAN — Eu fiz milhares de profissões.

Sérgio — Mas lembra aí uma parte das coisas que você já fez. Qual foi o seu primeiro trabalho?

ADONIRAN — Flação de tecidos.

Sérgio — Hein?

ADONIRAN — Ele não sabe nada (risos).

Sérgio — Eu conheço, mas é que você fala e eu não tou sabendo de você lá...

ADONIRAN — (risos) Você não conhece. Bom, o que mais que eu fiz depois? Tudo, mascate, vendi tecidos, fui ferragista, vendia balcão de tecidos, fui pedreiro, fui encanador, pintar, que mais?

Roberto — Você vendeu terreno?

ADONIRAN — tudo, fui garçom particular do ministro da Guerra, primeiro ministro da Guerra Civil, o Pandiá Calógeras, em Santo André, com 16 anos de idade.

Sérgio — Mas ele já era ministro militar?

ADONIRAN — Não, não era. Era civil (risos). Ele não sabe nada!... Ele nunca foi militar, o Pandiá era civil! Então, eu fui garçom dele em Santo André, servia a mesa na hora do almoço.

Roberto — O que mais você foi?

ADONIRAN — Só. Depois fui crescendo, crescendo, cresci um vagabundo e tou por aí.

Sérgio — Agora, o que é que você queria ser, quando pequeno?

ADONIRAN — Eu queria ser mecânico. Eu queria ser ajustador mecânico, mas não deu certo. Eu fui trabalhar um pouco, mas era muito pesado. O serviço era muito pesado e eu não gostava. Muita força. Muita coisa. E isso aí, bicho. Tudo bem, acabou (risos). Você gostou, né? E meio triste a história, né? (risos)... Ele sabe que é Roberto — Adoniran, mas como é que foi essa história do garçom?

ADONIRAN — Eu ia pra casa do Pandiá Calógeras às 7 horas da manhã, pra trabalhar. Trazia o café na casa dele, ia buscar o carro pra ele na Estação de Santo André, levava o carro pra casa, avisava que o carro já estava lá, abria a porta, ele subia e eu fechava a porta e ia junto com o chofer até a Estação levar ele. Abria a porta, descia, "boa viagem", e vinha pra casa.

Sérgio — Esse é que era o grande emprego?

ADONIRAN — Bem. Almoçava e jantava bem lá.

Sérgio — Isso durou quanto tempo?

ADONIRAN — Pouco tempo porque eu nunca gostei de ficar preso num lugar só. Eu sempre quis estar na rua assim, solto. Então todos querem ficar presos, eu não. Eu queria ficar solto e eu fiz o que eu quis da minha vida. Até hoje.

Sérgio — Quer dizer que você não sofreu tanto, assim?

ADONIRAN — Não, pra entrar eu sofri, meu filho. Não foi fácil. Depois que entrei também não foi fácil, não. Depois que entrei não deu pra me divertir muito, não. Ainda tenho um

pouco de raiva. Eu dizia "eu tenho valor". E eles diziam "contado, passa mais tarde". Mas os caras não queriam me deixar entrar. Aí eu encontrei com o Otávio Mendes que era... Sérgio — Otávio Gatus Mendes, né?

ADONIRAN — Era um grande cara, que viu que eu era um cara bom, inteligente, fiquei amigo dele, ficou meu amigo Sérgio — Aí veio o Osvaldo Molles?

ADONIRAN — Depois veio o Molles.

Sérgio — Você vê que eu não tou lá por fora assim...

ADONIRAN — Você já escutou falar alguma coisa dele?

Sérgio — Sim. Conheço inclusive o maestro Benjamin Silveira Araújo.

ADONIRAN — Que é meu amigo, nunca mais vi ele.

Sérgio — Que é presidente do Clube do Choro, agora.

ADONIRAN — Ele é meu amigo. Meu amigo do peito. Muito bom o Benjamin Araújo, irmão do Adalberto. Grande cara e como é um moço educado, não é mesmo? Pelo amor de Deus, é uma moça.

Roberto — Adoniran, quanto tempo você trabalhou na Record?

ADONIRAN — Na Record eu trabalhei de 41 até 68, 69. Meu primeiro programa foi "Revista da Semana", do Otávio Mendes. Depois o "Casa da Sogra", de Osvaldo Molles. Aí "Palmitivo no Palco", de Otávio Mendes — esse era de auditório.

Roberto — Você escrevia textos de humor?

ADONIRAN — Não, eu só era

ADONIRAN — E, mais de campo. Veio uma bola pra mim, me pegou na mão, sabe? (risos) Pegou na mão. Peguei o chute pra valer e fiz um gol de média cache. O Chico Pava tava no gol. Ele se virou pra cambada e disse "acabou o treino". Me pegaram no colo, acabou. Um gol de média cache? Eu fazer um gol? A bola fez assim "fuuuuuu" (risos)... e lá lá, e ela fez mil curvas e a bola entrou e acabou o treino. O Biota Júnior, que era o treinador, parou o jogo, me carregou no colo e acabou o treino. Foi uma festa. Eu fazer um gol e ainda de média cache? Eu? Me carregaram no colo. Essa eu não esqueço. Foi formidável aquela dia. Uma brincadeira boa.

Roberto — Adoniran, você fazia um negócio. Você marcava encontro com namoradas pelo relógio da praça da Sé.

ADONIRAN — E, com algumas. Uma na praça da República, outra no Municipal, depende, né?

Roberto — E, um dia o relógio atrasou e como é que foi?

ADONIRAN — Bom, o relógio atrasava e eu sabia. Eu sabia as horas pelo sol. Mas agora chegamos ao final. Depois, Papai Noel vai mostrar de novo. Muito obrigado e boa tarde. The End. Tô cansado.

Sérgio — Acabou?

ADONIRAN — Você quer mais (risos)? Tá bom, pra amanhã, porque hoje não dá mais (risos)... Me dá um cigarro.

Sérgio — Então, pronto, nós vamos voltar amanhã.

ADONIRAN — E, voltem



"O CENTRO DE SAO PAULO É UM RESTAURANTE, VOCÊ PODE VER"

intérprete, só interpretava. Depois veio o Molles, com o "Crime não compensa", o "Reunião dos Grandes", "Nossa Cidade", e tantos programas que ele escreveu pra mim. Depois "Maloca", que foi o maior sucesso, junto com o "Saúdosa Maloca".

Roberto — Quem é dos seus amigos que frequentava o Maravilhoso, o Tropical, quem era?

ADONIRAN — Tantos eu tinha aí. Tinha tantos colegas, como o Muniz, o Walter Forster, o Campello, o Machado, uma porção deles. O Campello é tio da Cely Campello.

Roberto — Você nunca jogou futebol, não?

ADONIRAN — Não. Eu quis jogar mas não deu pé (risos). Eu jogava lá na Record, no clube da Record. Um dia, no campo do Rasepa... eu jogava de meia direita, eu era bem dez minutos (risos). Então sabe o que eu fiz? Um dia, num treino, sabe o que aconteceu? Eu peguei do média cache... sabe o que é média cache?

Roberto — Meio de campo. Meia cancha.

amanhã, tá bom. Amanhã eu depois, mas agora acabou. Muito obrigado, gostei muito de vocês. E que mais tenho pra contar?

Sérgio — Você tem alguma namorada pra encontrar, é isso?

ADONIRAN — Não, minha mulher me espera em casa com urgência, hoje.

Sérgio — Como é que é isso?

Como é que um homem acostumado a vida livre, solto, do centro da cidade, de repente se vê morando na Cidade Ademar com a mulher?

ADONIRAN — Porou eu quis mudar pra lá, fora do centro, porque aqui é uma porcarias agora. Você acha que eu vou trocar onde eu moro, pelo centro? Só um baba. E, eu não é? Nos moramos num lugar tranquilo, um paraíso. Quem não tem pé não pode comprar. Lá é mato, verde. Da licença, que eu não quero mais falar hoje, heim, bom. E nem amanhã. Tchuu, muito obrigado, é só isso.

Sérgio — Você tem alguma declaração a fazer à juventude?

ADONIRAN — Não. Tá tudo bem. Me queiram bem (risos)... que eu gosto muito de vocês.

Adoniran entra na batida carioca

ANTONIETA SANTOS

O estúdio da Emi-Odeon, em Botafogo, há uma semana vive um clima de festa. Adoniran Barbosa está gravando seu disco mais emocionante, o terceiro de sua carreira, no qual um punhado de amigos se reúne para homenageá-lo. Fernando Faro, produtor e José Briamonte, maestro e arranjador dividem as atenções entre detalhes técnicos-artísticos ou meramente casuais desse acontecimento. Adoniran Barbosa, dizendo-se tímido, entrega-se por completo ao clima da festa. E o astral é altíssimo, afirma Guilherme Reis, o engenheiro de som.

Gonzaguinha, Simone, Clara Nunes, o conjunto Nosso Samba, Carlinhos Vergueiro, Martinho da Vila, Clementina de Jesus, o conjunto Talismã, Tânia Carvalho e Djavan são os convidados especiais da festa de Adoniran.

— Estou velho, cansado de fumar. Mas estou vivo. Sou alegre, escreve aí, mas sou triste também. Estou chegando cedo em casa...

Fernando Faro dirige Carlinhos Vergueiro, que canta "Viaduto de Santa Efigênia" com uma malemolência carioca, embora o samba tenha um sabor muito paulista. Adoniran observa com um olhar paternal. Desperta quando pergunto se o samba é paulista.

— Samba paulista? Mas pro Brasil todo cantar.

A pergunta foi somente para provocar. O maestro Briamonte ri, sugere que agora ele vai se soltar. "tocou num ponto que ele não gosta".



Simone, o maestro Briamonte, Clara Nunes, Carlinhos Vergueiro e Gonzaguinha gravam um sleep com Adoniran Barbosa.

(CONTINUA NO VERSO)

— Samba é igual em qualquer lugar. No Rio ou em São Paulo, a divisão é a mesma. Senão não seria samba. O que difere, no meu caso, é o fraseado. Mas não se impressione com isso. Sou assim mesmo. Alegre e triste ao mesmo tempo. Meu samba tem que ser como eu sou, como eu sinto as coisas, por isso dizem que ele é paulista.

Adoniran Barbosa está vivendo, aos 70 anos, os momentos mais emocionantes de sua carreira, começada há mais de quatro décadas. "na época em que a gente podia sair de noite e até mesmo esquecer de voltar para casa". Por isso, os personagens de seus sambas, quase todos saídos do seu cotidiano, são pessoas humildes, que fazem a noite ou que, durante o dia lutam desesperadamente para sobreviver no anonimato. Como Joca e Mato Grosso, Iracema e Mané. Gente que compunha o seu cotidiano: "Eu sempre vivi entre pessoas humildes, do Brasão ao Be-xiga, passando pelo Ipiranga". Essa gente continua sendo a principal razão de suas atenções. "embora já não seja mais o boêmio de antigamente e quase nem sala de casa".

Apesar da insistência, ele se contradiz: "Minha mulher se queixa sempre, diz que chove quando vou sair com ela. Mas São Paulo resiste. A gente finge que não vê, mas vê o cimento, os viadutos, a poeira, o barulho dos carros e muita gente. Dos tempos de dureza, das noites de muita boemia restou a lembrança. Mas bota aí que sou um homem sem vícios, a única coisa que não consigo me livrar é do cigarro, mas o bom uísque, quando é pago pela Odeon, eu não dispensei. Quando sou eu quem paga, é nacional mesmo."

Tantos anos de música, 37 anos de rádio, sempre como humorista, a maior parte dos quais vivendo Charutinho, personagem criado por Osvaldo Molles, seu grande amigo e parceiro em "O Casamento do Moacir".

A idéia do disco, segundo Fernando Faro, é antes de mais nada documentar, com a participação de alguns dos intérpretes que se identificam com Adoniram. "a obra dessa extraordinária figura humana e desse grande artista do povo". Faro lamenta ser o Brasil um país sem memória: "Sou uma pessoa muito interessada na memória brasileira. Acho que alguma coisa deve ser feita, nem que seja um disco, um documentário, qualquer coisa que se puder fazer será bom para a cultura brasileira. E esse trabalho com Adoniram é um trabalho de reconstrução de uma cidade, de uma época de São Paulo. Além disto, o Adoniram é uma figura humana dessas que já não se fazem mais, série única, edição esgotada."

A essa altura o papo está embalado. Faltou luz no estúdio, a gravação foi interrompida. Carlinhos Vergueiro e Guilherme Reis foram a um boteco próximo, providenciar sanduíches. Adoniram está embevecido. É uma criança ouvindo os mais velhos falarem.

— Bota aí que desfilou na Escola de Samba Amigos da Madrugada, de Valinhos, minha terra. Conhece Valinhos?

— É a terra do Flávio de Carvalho, não é?

— Não sei, sei que é minha terra.
— E também é a terra dos figos, não?

— E, isso é. Os figos, com aquela embalagem de papelão, não é? Mas esse negócio de escola de samba eu gostei. E a segunda vez que desfilou. Pode escrever aí que dou sorte. As duas que desfilei, elas resolveram me homenagear, sabe? ganharam. A primeira foi a Pérola Negra, que era do segundo grupo e passou para o primeiro quando desfilei lá. E agora os Amigos da Madrugada, "dispois que nós vai, dispois que nós volta."

Carlinhos Vergueiro e Guilherme Reis estão de volta. Adoniran refere-se a ele com carinho: "É meu parceiro. Fizemos "Torresmo à Milanesa". Briamonte diz que Carlinhos é pai de Adoniran. Todos riem.

— Não, não fala isso não. Fala que neste disco ele canta como cantor, aliás, ele canta em todas falxas, nós o acompanhamos, diz Carlinhos.

Adoniran toma a palavra. Fala dos shows e do sucesso que vem fazendo nos últimos cinco anos, da surpresa de ser solicitado por jovens. O maestro Briamonte, arranjador de seus três elepês comenta:

— O impressionante nessa história do Adoniran é que seu público aumenta a cada novo vestibular. Ele é um autor paulista que canta para o Brasil e em particular para o público dos circuitos universitários.

Carlinhos Vergueiro, também acompanhante em alguns shows, diz que o sucesso dessa comunicação é consequência da necessidade que o público mais jovem tem de conhecer as coisas mais autênticas da cultura brasileira. E Adoniran é prato cheio, fala uma linguagem ameaçada de extinção, é um dos últimos representantes de um filão cultural que agoniza. Adoniran se manifesta.

— Canto com muito mel. De dia São Paulo é mais bonita. O Rio, de noite.

No disco alguns dos melhores momentos da obra do compositor: "Viaduto Santa Efigênia", "Casamento do Moacir", "Fica Mais Um Pouco, Amor", "Torresmo à Milanesa", "Iracema", "Apaga o Fogo, Mané", "No Morro do Pioho", "Prova de Carinho".

O maestro Briamonte diz que o disco tem o que há de mais representativo no universo musical de Adoniran: "As músicas dele são crônicas da cidade, nascem todas de acontecimentos, de notícias de jornal, de fatos que acontecem em sua volta. E tudo coisa muito simples, muito humana, relatos que comovem pela simplicidade. Ele é uma pessoa que vê a vida de uma maneira muito poética. Além disso, ele se preocupa com o registro fiel da maneira de falar do povo. Veja só: fez a gente voltar a gravação para corrigir o que ele considerou um erro de pronúncia: dinheiro. Fez questão que saísse "dínhero".

Adoniran interfere: "E não é assim que o povo fala?"



Um dos lamentos de Adoniran Barbosa: a falta da sódia boemia de antigamente.

Disco e festa no Bexiga, nos 70 anos de Adoniran

Adoniran Barbosa completa hoje 70 anos de idade e sua gravadora, a Odeon, programou para domingo, no bairro da Bela Vista, uma festa que incluirá uma missa na Igreja Nossa Senhora da Achropita, às 11 horas, e um show de vários artistas, às 17 horas, na praça Don Orione. Haverá também o lançamento de um LP gravado há mais de seis meses onde suas músicas, com arranjos do maestro José Briamonte, são cantadas por Elis Regina, Roberto Ribeiro, Carlinhos Vergueiro, Djavan, Clara Nunes e Clementina de Jesus.

Durante sua carreira de compositor, marcada por canções que são verdadeiras crônicas da cidade, Adoniran fez verdadeiros "clássicos" da música popular brasileira, entre elas "Saudosa Maloca", "Trem das Onze" e "As Mariposa", só para lembrar algumas. Mas, de fato, Adoniran teve muita vivência antes de escrever estas histórias de São Paulo. Filho de imigrantes italianos, nascido em Valinhos, SP, João Rubinato (seu verdadeiro nome) antes de se tornar cantor e compositor foi ajudante de estrada de ferro, entregador de marmitta, e varredor de fábrica em Jundiaí e tecelão, pintor, encanador, serralheiro, metalúrgico e vendedor em Santo André.

Foi através de um programa de calouros, cantando "Filosofia", de Noel Rosa, que chegou ao rádio, onde logo passou a ter um programa com Paraguaçu, na Cruzetiro do Sul, em 1933. Mais tarde, fez também rádio-teatro e programas humorísticos, criando vários personagens que interpretava mudando o jeito de falar. Entre eles, havia o malandro Zé Cunversa, o galã do cinema francês

Jean Rubinet, e o comerciante judeu Moisés Rabinovic.

Antes mesmo de tentar o rádio, Adoniran fazia algumas composições sem pensar em gravá-las e que só mostrava aos amigos. Mas, depois de colocar letra em "Dona Boa", sobre a música de Almerê, e de ganhar o carnaval paulista com esta marchinha, criou mais coragem. Todavia, as grandes criações do mestre da crônica urbana só viriam muitos anos depois, quando conheceu o conjunto Demônios da Garoa e passaram a atuar juntos. Os Demônios são donos de muito ritmo e deram grande vida às composições de Adoniran, principalmente a "Saudosa Maloca", feita em 1955. O jeito de falar errado e que Adoniran manteve propositalmente neste samba passou a ser a sua marca, apesar de encontrar muitos críticos na época que não aceitavam isso. Adoniran sempre se defende, afirmando, com razão, que "afinal é assim que o povo fala". Seu último grande sucesso nacional, "Trem das Onze", data de 1964.

Homem de muita resistência, tem feito vários shows, comerciais de televisão e até novelas, lembrando os tempos em que foi ator de cinema e apareceu no "Cangaceiro", de Lima Barreto, em 1952. Uma coisa que lamenta muito é não existir mais aquela boemia sadia de antigamente, quando qualquer cidadão podia circular pelas ruas de São Paulo sem ser assaltado. Continua também a fazer vários sambas: "Torresmo à Milanesa", em parceria com Carlinhos Vergueiro e cantado por Clementina de Jesus, é a sua composição mais tocada nas rádios atualmente. — D.S.

Muitos especiais para os 427 anos

Raridade: a televisão lembrou-se este ano do aniversário de São Paulo. Em anos anteriores, os programas especiais marcando a data só apareciam — quando apareciam — no vídeo da Cultura. Mas desta vez, foram a Globo e a Gazeta que investiram na homenagem e vão disputar audiência na faixa das 22 horas.

O programa da Gazeta entra primeiro, às 22 h. "Um Presente Para Todos" tem produção e direção-geral de Antônio Eurico, que procurou uma fórmula para falar dos 427 anos da cidade e, junto, do aniversário da TV Gazeta e do São Paulo Futebol Clube. A solução foi José João da Silva, o vencedor da São Silvestre: paulista, treina no São Paulo e ganhou a corrida promovida pela emissora. O programa terá os melhores momentos da São Silvestre, entrevistas com as pessoas que trabalharam no treinamento de José João e uma reportagem mostrando sua vida fora da pista.

A Globo entra às 22h15 com "São Paulo, a Esquina do Mundo", produção "Manduri-35" com direção-geral de Mimito Gomes. Segundo ele, "não é uma análise sociológica, um levantamento urbano, um estudo profundo. É a cidade



Sérgio Buarque de Holanda, às 22h15, no 5.

que seus habitantes nos mostram. Um registro, uma crônica". Os habitantes que falam por todos, no caso, são Lourenço Diáfria, Sérgio Buarque de Holanda, Percival de Souza, Adoniran Barbosa, Henfil, Reinaldo de Barros, Marília Gabriela, o cineasta Roberto Palmari, o publicitário Sérgio Gracioti e Fauzi Radi El-Cittar, indicador de orações da Sociedade Beneficente Muçulmana. A narração é de Lima Duarte.

A Globo também homenageia São Paulo logo na abertura de sua programação. As 8 horas, "Santa Missa em Seu Lar" será transmitido da Igreja do Pátio do Colégio, onde Anchieta fundou esta loucura toda. O ofício será celebrado por quatro pa-

dres, representando as primeiras ordens religiosas a chegar ao Brasil: Padre Hélio Viotti, pelos Jesuítas; Frei Paulo Avelino de Assis, pelos franciscanos; Padre Alexandre, carmelita, e Frei Martinho Johnson, beneditino. Ainda na missa, um coral de 150 vozes.

Aniversários à parte, o domingo está bem variado. "Hebe" (Bandeirantes, 20 horas) tem uma entrevista com o prefeito Reinaldo de Barros, um debate sobre drogas e muita música: Nana Caimi, Diana Pequeno, Tomzé, Três do Rio, Cláudio Nucci, Luís Guedes e Thomas Roth etc. Também no Festival de Verão do Guarujá, transmitido ao vivo pela Cultura às 21 horas, o negócio é música, mais para o tipo regional-sertanejo, com Tonico e Tinoco, Renato Teixeira, Grupo Bendengô e a Orquestra de Violeiros de Guarulhos.

Na Globo, 19 horas, continua a seleção dos melhores momentos de "Os Trapalhões", o que é divertimento certo. Na linha de humor, as comédias antigas de pastelão de "Os Reis do Riso" (Cultura, 18 horas). A geração do "wind-surf" e dos patins pode ligar em "RTC-Pop Show" (Cultura, 14h30): Michael Jackson é a atração.

O entrevistado do "Canal Livre" (Bandeirantes, 22 horas), nesta semana, é Artur da Távola, o crítico de televisão e cronista de "O Globo". Artur é pseudônimo, ele se chama mesmo Paulo Alberto Monteiro de Barros e foi deputado estadual pelo antigo PTB, cassado em 1964 e exilado na Bolívia e depois no Chile. Seus temas centrais no programa são a televisão, claro, o rádio, a política, a experiência da geração que hoje está entre os 40 e os 50 anos. A literatura. Se você tem um interesse mais profundo pela TV, não perca. A crítica de televisão dentro da televisão é coisa muito incomum. Por si só, já vale um programa.

Para os apreciadores da música clássica, Schumann na Globo ("Concertos para a Juventude", 10 horas) e Schubert na Cultura, 13 horas, com a Orquestra Sinfônica Estadual. Os fanáticos por cinema podem ligar às 20h em "Isto é Hollywood", n.º 2. Para informação de agricultores e pecuaristas, "Globo Rural" mostra às 9 horas a introdução da soja no Norte e Nordeste, a criação de búfalos em São Paulo e as fases da rã, de nascimento até o momento em que é consumida. — G.P.N.

Adoniran não compôs muitas músicas carnavalescas, mas poucos sambas que considera de "puro-sangue"

Os 'puros-sangues' de Adoniran



(REPORTAGEM NO VERSO)

VERA ARTAXO

Malvina, Malvina
 Você não vai me abandonar
 Não pode
 Sem você como é que eu vou ficar

Tá fazendo mais de dez
 Anos que estamos juntos
 E daqui você não sai
 Minha vida sem você não vai.

Esse foi o primeiro samba de Carnaval que Adoniran Barbosa compôs, em 44 ou 45 — ele não garante a data exata. Ele próprio só gravou mais tarde, o lançamento para o Carnaval foi dos Demônios da Garoa. Adoniran considera um samba "puro-sangue" o da Malvina, que até ganhou o concurso carnavalesco das lojas Assunção na época. O prêmio: dez contos de réis.

Mas foi tudo o que "Malvina" rendeu. Tocou pouco. Com o jeito gostoso de quem tem prazer de falar "errado", Adoniran, aos 70 anos, se lembra da época entrecortando frases, palavras, às vezes até sílabas:

— Só tocava quando eu ia nas rádios e pedia pro operador tocar. Carregava o disco embaixo do braço o tempo todo, não tinha esse negócio de divulgação pra gente. O Rio é que mandava em samba, só tocavam as músicas dos cariocas. Se fosse bem tocadinho, "Malvina" era um sucesso. Mas os editores se interessavam muito pelos sambas cariocas.

"JOGA A CHAVE"

No ano seguinte — 45 ou 46, quem se lembra? — Adoniran fez "Joga a Chave", que ele considera "outro puro-sangue", também gravado pelos Demônios da Garoa. Esse foi mais ou menos executado, quase pegou. Adoniran insistindo, levando o samba embaixo do braço pra tocar nas rádios. Quase pega. Com um gesto de pizzalolo empurrando a pizza na pá dentro do forno, Adoniran Barbosa garante que "ele ia entrando":

Joga a chave meu bem
 Que aqui fora tá ruim demais
 Cheguei tarde, perturbei teu sono
 Amanhã eu não perturbo mais
 Faço um furo na porta
 Amarro um cordão no trinco
 Pra abrir pro lado de fora
 Não perturbo mais teu sono
 Chego à meia-noite e cinco
 Ou então a qualquer hora.

De falar Adoniran não gosta muito, mas na hora de rememorar os antigos sambas cantarolando, aí ele não se furta. Pra começo de conversa, ele declara logo se solicitado pra falar de Carnaval: "Não sou carnavalesco, nunca fui de Carnaval", explica sem a mínima dose de má vontade com aquela fala aos atropelos. A cada duas frases ele acha que já falou demais, de repente deslança:

— Depois desses dois sambas começaram a aparecer as letras sujas, pornográficas, e aí não se fez mais coisa boa. Até hoje faz sucesso esse tipo de letra maliciosa. Aí eu, o Doc e o Ivan Pires falamos assim: já que querem músicas feias, vamos fazer. E fizemos uma marcha chamada "Aqui, Gerarda". Essa marcha ia entrando firme no Carnaval, tanto que deu um pouco de medo aos concorrentes e eles foram reclamar na censura.

Adoniran foi chamado. O censor explicou que aquele gesto na parte do "aqui, Gerarda" não podia ser. Adoniran não se conforma, como é que alguém pode ver um gesto num disco? Mas a verdade é que, na hora do refrão todo mundo se lembrava do tal gesto, todo mundo se lembrava de puxar os braços para o corpo com os punhos fechados e os cotovelos dobrados.

E não era só o que acontecia com a pobre Gerarda. Num verso os autores declaram o

gosto da moça por salsicha com mostarda. O que não teria nada demais, se o verso não estivesse sendo discutido numa mesa da Censura. Adoniran diz que eles exigiram nova gravação. Disseram para "mudar o gesto e o verso e não interpretar tão bem para ninguém maliciar". Nessas e noutras, Gerarda acabou casada:

Gerarda saiu de casa
 Onde será que Gerarda foi parar
 Aqui, Gerarda
 Aqui, Gerarda
 O charutinho está cansado de chorar.

Chora negra na rampa
 Chora que eu também já chorei
 (Você gosta de salsicha com mostarda)
 Você casou com um soldado da vanguarda
 Aqui, Gerarda
 Aqui, Gerarda

Gerarda, agora mulher de soldado, nem gostava de salsicha. Quanto ao gesto, Adoniran tomou cuidado. No estúdio, fez questão de gravar o refrão com os braços cruzados para trás. Adoniran diz que essa música de 54 faz muito sucesso hoje nos shows. Assim como "Maloca", de 50. De 50 a 64 Adoniran Barbosa compôs muito, até chegar ao clássico "Trem das Onze", um "sucesso internacional", diz seu autor orgulhoso.

Depois de 64 Adoniran desgostou do Carnaval, diz que não faz mais porque "dá muita mão de obra, se quiser que a música pegue tem que se matar de trabalhar para ganhar ponto". Ele já não vê discriminação para os sambistas de São Paulo, acha que as chances dos cariocas agora são iguais, mas garante que "nem as editoras nem as gravadoras se incomodam, não trabalham os discos, antes começava a tocar Carnaval em outubro, tinha horário certo de Carnaval, agora não toca nada".

Num ponto Adoniran até reconhece que "as rádios estão certas, de não tocar música de Carnaval, porque tem muita porcaria". Ele lamenta ter ouvido apenas três sambas nas vésperas desse Carnaval. Um do Luiz Airão, um do Roberto Ribeiro e um velho do Braguinha, conta, gravado pela Simone. Qual? "Aquele do Balancê". Da Gal? "E, tô fazendo confusão".

FESTA NA FAMILIA

A participação de Adoniran Barbosa no Carnaval paulista começou muito antes de "Malvina". Aí já era a fase Je samba. Antes eram as marchas. Adoniran se deleita na lembrança das marchas, que considera "bem feitas, com letras boas, bonitas, principalmente as do Lamartine Babo". Ele mesmo fez sua primeira marcha carnavalesca em 1934, e foi premiado pela prefeitura na época. Ganhou 500 mil réis no Carnaval oficial de São Paulo. Logo Adoniran se interrompe pra repetir que falou demais, que não tem muito a ver com o Carnaval.

Sem ter muito a ver ele é padrinho da Pérola Negra, que passou para o primeiro grupo com um enredo em homenagem ao padrinho. Sem ter muito a ver ele desfilou em sua terra, Valinhos, ano passado. Deslizou pela avenida num carro alegórico do enredo que o homenageou. Sem ter muito a ver ele elogia os ótimos sambas-enredo feitos em São Paulo, o desenvolvimento das baterias. Jura que as escolas daqui só ficam a dever ao Rio em número de figurantes. Mas Adoniran não quer falar de Carnaval, só quer que todo mundo saiba de uma coisa:

— Sabe o que eu fiz com os dez contos de réis que ganhei com "Malvina"? Fomos todo mundo, o conjunto com as esposas, a família, para uma pizzaria na rua Ana Neri.

Esse parece ter sido o maior prazer que o Carnaval deu a Adoniran Barbosa.

FOLHETIM
 01/03/1981
 (CONT.)

FOLHA DE S. PAULO

Paulo, quarta-feira, 24 de fevereiro de 1982 • Um jornal a serviço do Brasil • Ano 62 • N.º 19.320 •

Apoteose na avenida encerra o Carnaval paulistano **Amanhã, as campeãs**



Fin de feste também para o palhaço Sputnik, a pessoa mais popular do Bexigo, que comandou o desfile da Va' Val na avenida Tiradentes.

(CONT. NO VERSO)

A festa acabou, as ruas de São Paulo voltam ao movimento normal — os bancos e repartições públicas reabrem ao meio-dia —, mas para os diretores e integrantes das principais escolas de samba o Carnaval dura pelo menos até amanhã, quando serão proclamadas as campeãs dos desfiles de domingo.

A apuração em São Paulo começa às 10 horas, no Pavilhão de Exposições do Anhembi. O otimismo é grande entre os presidentes das três escolas favoritas: José Jambo, o "Chiclé", da Val-Val (campeã de 81); Tobias, da Camisa Verde e Branco, e Nenê, da Nenê de Vila Matilde. Também serão apurados amanhã os resultados dos demais concursos de rua promovidos pela Paulstur, que incluem os Grupos 2, 3 e 4 e os blocos.

No Rio, a apuração será no Pavilhão de São Cristóvão. As mais cotadas são a Império Serrano, a Beija-Flor, a Imperatriz Leopoldinense (campeã de 81), a União da Ilha e a Portela.

O Carnaval de São Paulo teve uma noite infeliz segunda-feira, na avenida Tiradentes, quando se apresentaram as escolas do Grupo 2. Além de fortes chuvas, que estragaram alegorias e impediram que muitos sambistas chegassem à avenida (algumas escolas perderam pontos por isso), as agremiações apresentaram samba fraco e desanimado. O público aborreceu-se e foi embora mais cedo: das 20 mil pessoas que estavam nas arquibancadas, apenas mil viram a passagem da última escola, a Império do Cambuci, já na manhã de ontem. A maior atração foi a presença de Adoniran Barbosa, que desfilou pela Colorado do Brás, após ter resolvido problemas "burocráticos": sua roupa não tinha as cores da escola. As favoritas são a Flor de Vila Dalila, a Acadêmicos do Tucuruvi, a Águia de Ouro e a Filhotes da X-9. A campeã e a vice desfilarão no Grupo 1 em 1983.

Ontem à noite, ainda na Tiradentes, começou a Apoteose, com o desfile das melhores escolas e blocos do Carnaval de 81, em apresentação que só terminaria hoje de manhã.

Para o presidente da Paulstur, Domingos Mantell Filho, este foi o melhor Carnaval que São Paulo já teve. PAGs. 11 a 18



A burocracia quase impediu o compositor Adoniran Barbosa de desfilar na Colorado do Brás



O dourado prevaleceu nas fantasias da União da Ponte, que mostrou enredo de história infantil: o casamento de dona Barata e "seu" Botão.



A burocracia quase impediu que Adoniran Barbosa, uma glória do samba paulista, desfilasse pela Colorado do Brás e ganhasse os aplausos da Tiradentes.

*Burocracia quase não deixa
Adoniran Barbosa desfilas*

(RE PORTAGEM NO VERSO)

Calmo, sentado numa cadeira dourada colocada em um carro alegórico da Colorado do Brás, o compositor Adoniran Barbosa preferiu ficar fora da discussão travada entre a diretoria da escola e representantes da União das Escolas de Samba Paulistas (Uesp) sobre sua roupa. Vestindo um simples terno marrom claro, camisa branca sem gravata, um lenço azul no pescoço e o seu indefectível chapéu preto, Adoniran não estava se apresentando com as cores branco, vermelho e dourado da escola, o que faria a "Colorado do Brás" perder pelo menos 5 pontos na contagem, segundo diretores da Uesp.

"Mas, pelo amor de Deus, ele é o samba personificado, exigir que ele se fantasie é uma violência", gritou várias vezes o advogado Percival Maricato, presidente e fundador da Colorado, aos fiscais da Uesp e da Paulistur. A princípio, porém, seus apelos não foram acatados. Há ferrenha disputa entre as escolas do segundo grupo, nenhuma quer cair na classificação, sabem que poucas têm condições de atingir o auge, de se integrarem às 10 maiores, que se apresentam nas concorridas noites de domingo. Entre essas, este ano, está a Colorado do Brás, que armou um enredo em homenagem ao velho compositor paulistano e levou-o para participar da festa.

DOENTE

Adoniram estava descansando na casa de parentes, em Tatui, no Interior. Mas já sabia que a Colorado escolhera cantar a sua vida na avenida Tiradentes. E aceitou participar do desfile, mesmo adoentado, com problemas respiratórios. Teve certa dificuldade para subir no carro alegórico. Foi ajudado e apurou-se na cadeira molhada de chuva, como um colegial, comportado. Ficou decidido que um sambista acompanharia Adoniran, dançando bem ao lado da alegoria, para ajudá-lo se fosse preciso.

Há alguns dias, Percival havia telefonado para Adoniran, a fim de acertar como seria talhado o terno branco, previsto pelo carnavalesco da Colorado. "Mas ele respondeu que terno branco era coisa de malandro, que ele viria com a roupa que quisesse", contou Percival. Os fiscais da Uesp não gostaram, e insistiram na perda de pontos. "O regulamento é bastante claro, se alguém se apresentar fora do figurino, sem as cores da escola, vai causar prejuízo," dizia um deles.

O presidente da Colorado teve que usar sua retórica de advogado, criar argumentos para defender a liberdade do

compositor em mostrar-se como preferia, sem prejudicar a escola. "Imaginem o Brasil inteiro sabendo que Adoniram Barbosa foi impedido de desfilar em São Paulo", ameaçava Percival. A discussão corria forte, alterada, quando dona Cida, a responsável pela contagem no setor da concentração, depois de conversar com outros diretores da Uesp, fez sinal para Percival indicando que estava tudo bem, a escola não perderia os indispensáveis 5 pontos que poderiam tornar ainda mais difícil sua subida para o primeiro grupo.

O DESFILE

Soou a sirene da partida. Um surdo começou a cadenciar o samba. O carro de Adoniram foi sendo empurrado, bem devagar. O compositor dá o últim, o gole no copo que carregava, faz o sinal da vitória com os dedos. O Trem das Onze, representado por um vagão multicolorido, superlotado com bonecos espremidos, saltando pela janela, replica o sino. O povo, contido pelos PMs na área da concentração, começa a gritar: "É o Adoniram, é o Charutinho". O velho, pálido, ofegante, descobre a cabeça, num cumprimento solene. Aplausos. Percival passa correndo, levanta o polegar para o compositor e vai cuidar da armação da escola sorrindo.

Nessas horas o advogado esquece o calhamaço de processos, a burocracia do Fórum, o sufoco da gravata e só pensa na agremiação que fundou. "Morei muitos anos no Brás, nas situações mais diversas, de clandestino procurado pela polícia política a profissional com endereço certo e sabido", contou Percival. Assim, com um grupo de amigos, que se reunia num bar da esquina da rua Rio Bonito com Almirante Barroso, desses que acabam virando sede de time de futebol de várzea, ele e o gerente de banco Reginaldo Batinga, fundaram a escola, há 6 anos. Apesar de nova, a escola vem fazendo boa carreira.

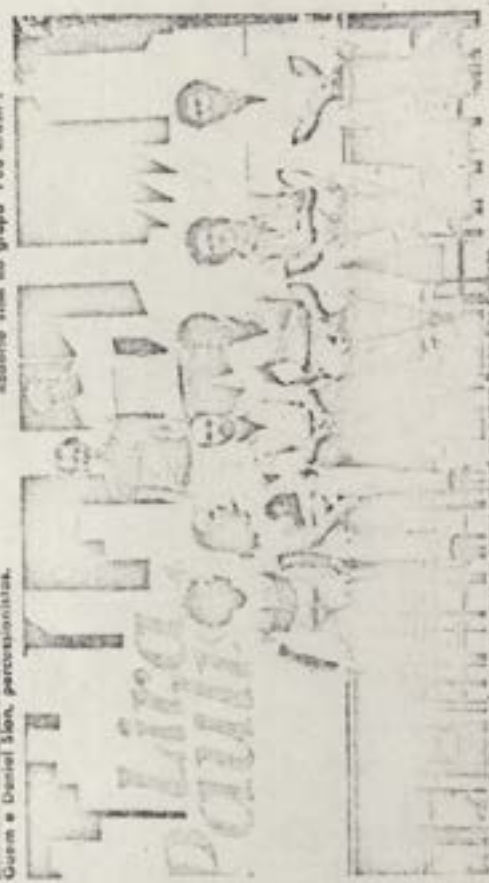
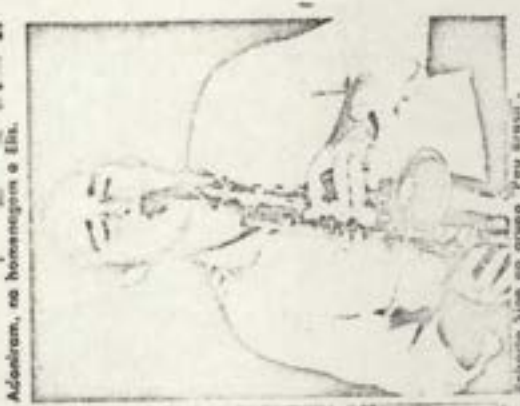
"A gente se dedica ao samba em todos os fins de semana e agora vem gente do próprio meio querendo que forcemos o Adoniram a mudar de roupa. Eles tinham mais é que abrir alas, ceder um camarote especial para um dos melhores compositores do País", criticava Percival, na avenida, depois do desfile. Suando a camisa de lamê dourado, apolado na grade, o advogado perguntou inconsolável: "Adoniram massacrado em São Paulo, Neil Sedaka recebido com pompas para ver o desfile no Rio de Janeiro, temos alguma salda?"

Uma viagem musical no fim de semana

FOLHA DE SÃO PAULO

ILUSTRADA

05/03/1982 - PÁG. 31



Ademar, no nomeação e Eli.

Isabelle tem no grupo 'Por Brasil'.

Quem e Daniel Slon, percussionistas.

O 'Yo Aós Pa' é um dos grupos que se apresentará no evento São Paulo Cultural.

mas arrepios, até mesmo evocando: O Lira Paulistana promove, ao ar livre, na Praça Benedito Calista, um espetáculo de música instrumental com alguns dos grupos mais significativos das novas formações de bens instrumentais que São Paulo está produzindo. O show, que se inicia às 17 horas, contará com a participação dos grupos "D'Alma", o "Acari", o "Pe' Acá Pe" e o "Paulista" (que conta com músicos do nível de Milton Alves, Roberto Sim e Hector Costa, egressos por Rodolfo Stroeter e Azuel Rodrigues, que vieram do "Divina Invenção"). Mas se queremos boa música instrumental, nossa rota está numa escuridão: no mesmo horário, no Masp, o percussionista argentino Quem, considerado um dos melhores do mundo, estará apresentando um show de lançamento do seu LP "O Universo Rítmico de Quem" — gravado no Brasil, no solo "Som da Gente", e que conta com a participação do Daniel Slon. A alternativa é assistir Quem no domingo, no Masp, às 21 horas.

Para aqueles que acham que viagem é diverso, mas também deve instruir e ter um sentido cultural mais elevado, não há motivos para preocupações. Nossa trajetória prevê uma visita a lugares musicais não muito conhecidos, a Orquestra Sinfônica da USP, sob regência de Camarim Guariberti, apresentará um programa com peças de Bach, Sacchini, Pachelbel, Gaudí, Rachmaninoff, F. Mendelssohn e Aaron Copland. O concerto será às 21 horas no Auditório de Convênios e Corações da Cidade Universitária, com entrada franca. No domingo, logo às 11 da manhã, na Capela do Mosteiro, o Quarteto de Cordas do Municipal estará se apresentando, enquanto na Igreja Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no Sincaré, às 20h30, o evento "Música e Rito", com participação do Coral Paulistano e as organistas Dorotea Kerr, Lawrence Scott e Tânia Guise, marcará o início do ciclo de recitais de órgão que a Associação Paulista de Organistas está promovendo. E a cidade tem um espaço musical ainda não descoberto: o 27.º andar do Edifício Marti-celli. Amanhã, às 15 horas, o pianista Cláudio de Brito Jr. estará executando obras de Alberto Nepomuceno, Alexander Levy, Francisco Brahm e Chopin. No domingo, Flávio José Angelo da Silva apresentará peças de Bach, Chopin, Schubert, Debussy, Furtado Viana, Villa-Lobos e Liszt.

Mas se, por algum motivo, você não puder embarcar nesta viagem, não se preocupe: está sendo lançado "Cores, Names", o novo LP de Caetano Veloso. E com um disco novo de Caetano, sempre há possibilidade de muitas viagens musicais. H.S.J.

Você pode fazer uma grande viagem musical este fim de semana em São Paulo. E a rota começa logo mesmo, com muito música, até e xaxado, numa grun- de "festin do interior": das trupeiras de Antemil, Gal Costa espelha sua alegria para o público paulista (veja artigo adiante). Mas se você preferir começar o seu roteiro deste week-end sazon com uma boa e clássica música instrumental, vá para a opção de a efervescência da banda Matéria, no Teatro Lira Paulistana, em Páscheros. Liderada pelo trombone de Ercato, a banda usa e abusava da brass de seus metais, sem dispensar um bom volume rítmico. A Banda fica até domingo no Lira, às 21 horas, e os ingressos custam 200 cruzeiros.

Mas a viagem também poderá começar (ou continuar) pelos botões de São Paulo. Dentro do programa do "Mús Musical", os teatros municipais es- produções pelo pontilhado estão promovendo uma homenagem a Ellis Regina. Assim, seu ilustre músico poderá passar pelo mesmo pontilhado mais autêntico, o de Admilson Barbosa (de quem Ellis gravou "Saudade Matosa") e, o que é melhor, sem pagar nenhum frete. Acompanhado pelo conjunto Talismã, Admilson está na Alcega, no Teatro Artur de Azevedo. Na Ponta, a música caligra de Renato Teixeira (o autor de "Tomar") se apresenta no palco do Teatro Martins Pena. Para quem gosta de bossa nova e de música instrumental mais intimista, o Zumbo Trio estará refinando seu repertório musical dos anos 60, quando acontecia na Vila Regina no velho Teatro Paramount. O Zumbo está na Vila Clementino, no Teatro João Caetano. "Como Nossos Pais" é uma das canções que Belchior interpreta em homenagem a Ellis, no Teatro Paulo Elzéar, em São João Anaura. Um bom avião nos navegamos: como a viagem é longa e cheia de atrações, é preciso pausar tempo e dobrar. Por isso, se não quiser dar uma passada por São Paulo, vá direto para o espetáculo do "Mús Musical Ellis Regina", porque eles vão de avião prosseguem até domini- os sempre às 21 horas.

Se a sua excursão musical não tem limites de horário ou de gêneros, você poderá fazer uma escala nos bons tempos do rádio e se casar com Inezita Garcia no Opera Cabaré. Hoje e amanhã ela canta seus sucessos à meia-noite e meia, sob direção de Edmundo Guin (e com um barão de pedágio artístico). Mas se preferir música de maior sofisticado técnica é opção é a pianista e cantora Ana Mizuelli no restaurante Triclinium, no Central Park Hotel, a partir das 21 horas. Amanhã, a viagem pode embarcar lugares mais exóticos e ainda não muito frequentados pelos turistas musicais a mais que pretende ser um dos pontos

TEATRO

ADONIRAN BARBOSA — Esse show com Adoniran e o Conjunto Talismã faz parte da programação Mês Musical Elis Regina, uma promoção da Secretaria Municipal de Cultura. As melhores composições de seu repertório — cantadas também por Elis — estarão fazendo parte do show: "Saudosa Maloca", "Iracema", "Tram das Onze", "Samba do Arnesto", "Bom Dia Tristeza".

Teatro Arthur de Azevedo
(Av. Foes de Barros, 955, tel. 292-8007). De 5.ª a domingo às 21 horas. Entrada franca.



FOTO PARA A HISTÓRIA DO RÁDIO — Fornecida pelo radialista João Ferreira Fontes — primeiro repórter volante da América do Sul —, mostra a entrevista que fez, em 1937, depois do trágico acidente provocado pela corredora francesa Helle Nice. Numa tentativa de tirar o Manoel de Teffé o 3.º lugar ela perdeu a direção do carro que ceifou muitas vidas, aleijou muitos dos que assistiam ao 'Circuito do Jardim América, com chegada na Av. Brasil. Adoniran Barbosa (flecha), grande compositor e cantor, colega do Fontes, que com ele assistia à corrida na tribuna de honra, ofereceu-se para carregar o "transível", facilitando a movimentação no local da tragédia. Vê-se na foto, também, o corredor Manoel de Teffé. Esta nota sai quando Adoniran, o "salvador do samba paulista", está saindo do hospital, com o coração de novo "ajuizado", para nossa grande alegria.

Foto Arquivo/Banco de Dados



Dentre outras criações consagradas, Adoniran Barbosa projetou-se muito com os sambas "Saudosa Maloca" e "Trem das Onze".

Adoniran, um poeta popular, morre aos 72

Faleceu ontem, aos 72 anos, o ator, radioator, humorista, cantor e compositor Adoniran Barbosa, cujo nome verdadeiro era João Rubinato. Adoniran estava internado no hospital São Luís, em São Paulo, havia uma semana, para tratamento de bronquite. Às 5 horas da manhã de ontem, entrou em coma, vindo a falecer, vítima de enfisema, às 17h15. O criador de "Saudosa Maloca" e "Trem das Onze" será enterrado hoje, no Cemitério da Paz.

Para o sambista Moreira da Silva, apesar da tristeza da notícia, "Adoniran é imortal, embora não tenha sido da Academia Brasileira de Letras".

PÁG. 40

(A)

(CONTINUA NO VERSO B)
e páginas seguintes
C-D-E-F

FOLHA DE SÃO PAULO
24/11/82 (CONT.) PÁG. 40

ⓑ



Em 1977, ladeado pelo ator e letrista Mário Lago e pelo sambista do Estácio, Ismael Silva.



Na gravação do último disco, com Simone, Bramante, Clara Nunes, MPB 4, Gonzaguinha, e outros.

(CONTINUA NAS
PÁGS SEGUINTE-C-D-E-F)



E hoje Adoniran vive lá no céu

O compositor Adoniran Barbosa, cujo nome verdadeiro era João Rubinato, faleceu ontem em São Paulo às 17h15, no Hospital São Luís, quarto 503, vítima de enfisema pulmonar, aos 72 anos de idade. Ele será enterrado hoje no cemitério da Paz, como era de seu desejo.

Adoniran estava no hospital desde quarta-feira passada para se tratar da bronquite, de que sofria há muitos anos. Sexta-feira entrou em coma, mas logo se recuperou e segunda-feira saiu da UTI, às 16 horas. Passou bem o resto do dia mas voltou a entrar em coma às 5 horas da manhã de ontem.

Quando Adoniran morreu, em seu quarto estavam a mulher com quem viveu durante 40 anos, Matilde de Luttif, e a irmã dela, Marina. Matilde disse que Adoniran "morreu como um passarinho". A enfermeira Júlia Vicente lembrou que ainda ontem convenceu-o a tomar uma injeção após cantar para Adoniran uma de suas mais famosas composições, "Trem das Onze".

Adoniran Barbosa "morreu pobre", segundo Matilde de Luttif. Ele deixa uma residência em São Paulo, uma aposentadoria mensal de 125 mil cruzeiros e a quantia de 60 mil cruzeiros por trimestre, referente a direitos autorais.

Até às 21 horas providenciava-se sua remoção para o cemitério da Paz. Até então os únicos a comparecerem ao hospital, após a notícia da morte de Adoniran, foram alguns amigos íntimos de Matilde e o compositor e amigo pessoal de Adoniran, Geraldo Filme. "Foi a perda de um companheiro de valor", disse Geraldo.

A última aparição pública de Adoniran Barbosa foi no carnaval passado, como destaque da escola de samba "Colorados do Brás". Seu último trabalho profissional foi um comercial para a Volkswagen, em setembro.

Adoniran fora internado anteriormente, no hospital São Luís, em princípios de outubro, tendo tido alta no fim do mês.

O último disco do cantor, compositor e boêmio — "Adoniran Barbosa" — foi lançado em maio de 1980 pela Odeon. A produção é de Fernando Faro. No LP, Adoniran reuniu Clementina de Jesus, Carlinhos Vergueiro, Elis Regina, Djavan, Gonzaguinha, Clara Nunes, MPB 4, Roberto Ribeiro, Vânia Carvalho e o Conjunto Nosso Samba. (CONTINUA NO VERSO-D)



Foto: Arquivo/Banco de Dados

"Até 1960, São Paulo ainda existia. Depois procurei, mas não achei São Paulo."

Grandes sucessos, mas morreu sem nada

João Rubinato foi o maior poeta popular da cidade de São Paulo. Mas não foi com esse nome que a cidade da poesia do concreto e da garoa com seus demônios, aprendeu a conhecê-lo, a amá-lo e a cantar suas músicas. Seu nome será entoadado pelas esquinas e pelas praças como o genial artista urbano Adoniran Barbosa ("Adoniran", extraído do nome do amigo boêmio Adoniran Alves, e "Barbosa" em homenagem ao sambista carioca Luis Barbosa, costumava explicar).

Cantor e cronista da vida paulistana, criador de uma linguagem própria, registrando em suas composições o português oral da fala do povo, dono da malandragem "calabresa" dos bairros do Bixiga e do Brás (para onde se dirigiram os maiores contingentes de imigrantes italianos que vieram para a grande cidade), Adoniran nasceu em Valinhos, em 6 de agosto de 1910.

Nunca foi músico (dizia não ter aprendido violão por preguiça) e, para chegar ao estúdio da antiga Rádio Cruzeiro do Sul, cantando a música "Filosofia", de Noel Rosa, venceu um concurso de calouros em 1930, foi ajudante de carregador de vagões (ajudava o pai, ferroviário), tecelão, faxineiro, ajudante de encanador, pedreiro, mascate e até garçom. Gostava de falar de sua função de garçom na casa do ministro da Guerra do governo Epitácio Pessoa, o civil Pandiá Calógeras. "Eu usava roupas bonitas e comia muito bem". Nessa época, Adoniran tinha 12 anos.

Chegou aos estúdios da Rádio Record em 1934. Antes, esteve com Vicente Leporace, Blota Júnior e Sagramor de Scuvero na Rádio Cruzeiro do Sul. Vendia anúncios e cantava ("Só sambas", esclarecia sempre). Um dia foi apresentado a Otávio Gabus Mendes, que era da Record. Otávio simpatizou com ele, levando-o para a rua Quintino Bocaiuva. Começou a fazer um programa, "Zé Conversa", escrito por Osvaldo Moles, que mais tarde viria a ser seu grande parceiro. Pelo programa recebia 30 mil réis por mês, o que era muito pouco. "Eu falava com o Otávio todos os dias. Queria ir para a folha de pagamento, ter um salário. Um dia ele me disse: fale com o Bar-

reto Machado, ele ganha um conto de réis por mês. Pode dividir com você."

"PORCARIA DE MARCHA"

Ele foi, explicou o caso e Machado Barreto concordou. A seguir Osvaldo Moles começa a produzir outros programas. Adoniran cantava, fazia teatro e humorismo. Suas qualidades de comediante foram realçadas a partir de 1940, quando a Record contratou Maria Amélia. A veia de compositor já funcionava desde 1935: venceu o concurso oficial da Prefeitura para músicas de carnaval, com a composição "Dona Boa", em parceria com J. Emeré, mas que classificava como "uma porcária de marcha". Aliás, Adoniran não se considerava um compositor tipicamente carnavalesco e só compôs poucos sambas que chamava de "puro-sangue", feitos na medida para a folia de Momo. Entre eles, "Malvina" (a primeira música sua que os Demônios da Garoa gravaram e que foi composta em 44 ou 45), "Joga a Chave" (no Carnaval seguinte) e "Aqui Gerarda" (composta em 54, em parceria com Doca e Ivan Pires, que chegou a enfrentar problemas com a Censura). Mas a grande contribuição de Adoniran para o Carnaval apareceria nos anos 60, quando apresentou numa das Bienais do Samba da antiga TV Tupi, a marcha-rancho "Vila Esperança", até hoje considerada uma das mais belas músicas para Carnaval de todos os tempos. E, apesar de não se considerar um homem de Carnaval, Adoniran era padrinho da escola de samba paulista "Pérola Negra", que passou para o primeiro grupo em 1979, com um sambanredo dedicado a ele.

Enquanto isso, seguia na Record fazendo os "Serões Domingueiros", um programa onde mostrava painéis da cidade de São Paulo. Fazia, também, "Barbozinha Mal-educado da Silva", de humor.

De 1942 a 1945 interpretou a "Escola Rizonho e Franca", escrita por Osvaldo Moles e do mesmo autor, foi personagem destacado do programa "O Crime não Compensa", levado ao ar de 1944 a 1954. No fim da década de 40, gravou a música "Saudosa Maloca" (que nos anos 70 recebeu re-

gistro memorável de Elis Regina) com "êxito relativo", costumava dizer. A música acabou tendo enorme sucesso quando gravada pelo conjunto Demônios da Garoa, em 1952. Após esse samba, outro, o "Samba do Arnesto". Nas duas músicas o compositor deixou sua marca, seu estilo e começou a fazer uma crônica da cidade. Mas o grande estouro de Adoniran ocorreu em 1965, quando os Demônios da Garoa gravaram "Trem das Onze", que ele considerava o seu verdadeiro "sucesso internacional". A música voltou a fazer muito sucesso na década de 70, com uma bela gravação de Gal Costa.

HOMENAGEM

Entre suas parcerias mais famosas, ele gostava de citar a que fez com Vinicius de Moraes, um poeta "culto", que o tinha criticado anteriormente pelos erros de português em suas composições — mas que acabou fazendo com Adoniran a valsa "Bom Dia, Tristeza".

Em seu último LP gravado, lançado em 80 pela Odeon, recebeu uma espécie de grande homenagem por parte de vários artistas, e uma das faixas, "Tiro ao Alvaro", acabou sendo um dos últimos sucessos da carreira de Elis Regina.

Desde 1950, ele borboleteava no cinema: com Derci Gonçalves fez o filme "Caído do Céu". Depois fez "Cantinho da Terra" e "O Cangaceiro", ambos do diretor Lima Barreto. Apareceu em seguida em "A Carrocinha", de James Prades, e em "Candinho", de Abílio Pereira de Almeida. Na televisão, além dos testes de câmara, que ele chamava de "cobaia", começou fazendo a historinha "Ceará, contra 007" e pontas em alguns programas. Nos anos 70 participou de duas novelas: "Mulheres de Areia" e "Os Inocentes".

Suas músicas estão entre muitos outros registros, gravadas em discos do conjunto Demônios da Garoa e ele mesmo gravou, com a participação de outros artistas, três LPs, o último em 1980. Também o conjunto Talismã gravou suas músicas. O conjunto tomou o lugar dos Demônios da Garoa, que interpretavam as composições de Adoniran desde 1949. Ele nunca explicou a razão do estremeimento, dizendo apenas que "agora

eu ganho meus trocados cantando minhas músicas".

De 1947 a 1962, o artista atinge o auge da sua capacidade de trabalho: brilha na música, no cinema, no circo e no rádio. Na Record, participava do "Nossa Cidade", "Só para Mulheres" e "Não Diga Alô". Osvaldo Moles produzia o "Histórias das Malocas", onde ele interpretava o bom crioulo Charutinbo, que só queria viver. Em 1970, tristonho, queixava-se da cidade. "Até 1960, São Paulo ainda existia — protestava. — Depois, procurei mas não achei São Paulo. O Brás, cadê o Brás? E o Bixiga, cadê? Mandaram-me achar a Sé. Não achei. Só vejo carros e cimento armado."

Outras vezes protestava contra os rodízios de pizzas. "Onde já se viu isso? Rodízio de pizza é varzea." Com jornalistas aceitava conversar, mas interrompia as entrevistas constantemente para reclamar que "tinha um compromisso, precisa ir logo". Não esquecia seus amigos Barreto Machado, que dividiu seu salário com ele, permitindo sua entrada em folha de pagamento, na Record, Osvaldo Moles e Hervé Cordovil, com os quais compôs muitas músicas. "Estão todos no céu — dizia. — Lá é que é o lugar de gente boa."

Com sua voz rouca e o inseparável chapéu, fazia muita gente rir no bar que frequentava na esquina da rua General Jardim e Bento Freitas. Gozava os cavalariáns: "La vai as esterqueiras", dizia referindo-se aos cavalos. "O samba de hoje? Tudo bem, Modelo 19, estrangeiro residente, americanizado. Os autores dessa coisa dizem que sou superado. Que não atualizei meu jeito de fazer samba. Pois não mudo e não mudo. Azar dos que não gostam da minha música. Você sabe que até o Vinicius de Moraes foi meu crítico? Pois um dia musiquiei uma das suas poesias. O samba chama-se 'Bom dia Tristeza'. Ah, mas o que me emocionou mesmo foram os cumprimentos que recebi, junto com a Matilde (sua mulher), no dia da estréia do filme 'Eles não usam black-tie'. A música do filme é minha ('Nóis não usa os blequitas!') e, na porta do cinema, aquela juventude a me abraçar e dizer que a trilha era maravilhosa. Ah, rapaz, que felicidade."

(CONTINUA NAS PÁGS SEGUINTE-S-E-F) →

Não há pior notícia para Moreira da Silva

A morte de Adoniran Barbosa foi a "pior notícia" que Moreira da Silva poderia ter recebido. Surpreso, o lançador do samba de breque reagiu à notícia com uma pergunta: "E agora, como é que fica?" Para ele, Adoniran Barbosa, "dono de um estilo único e inimitável", é insubstituível e sua ausência será uma "lacuna enorme" na música popular brasileira. Moreira contou que conhecia Adoniran há mais de 40 anos e que, há muito tempo, chegou a pensar em gravar uma música sua.

"Adoniran me mostrou várias, mas não chegamos a uma conclusão. Sabe como é vida de artista, cada um foi para um lado batalhar sua sobrevivência. Há alguns meses, deveríamos fazer um programa juntos na TV Paulista, mas ele an-

dava doente e eu com muitos compromissos. Adiamos o projeto e a emissora não falou mais nisso. Agora, vem essa notícia triste. Mas Adoniran é imortal, embora não tenha sido da Academia Brasileira de Letras. Lamento muito não poder ir ao enterro — tenho que trabalhar, sou um homem pobre — mas espero ir à missa de sétimo dia."

"Acho que São Paulo perdeu um dos seus poetas-cronistas mais maravilhosos. Ele soube comentar a feiúra desta cidade que, ao contrário do Rio, por exemplo, não se caracteriza pela poesia." A opinião é do maestro Júlio Medaglia, para quem Adoniran foi um dos poucos que trataram com humor esta "cidade ao sugo", que é São Paulo.

O compositor produzia pouco e irregularmente,

lembra o maestro. Na verdade, vivia descomprometido de tudo, "era uma figura rara, com aquele chapéu de que não se separava", acrescenta Medaglia.

Adoniran foi um nome muito importante no período áureo do rádio, antes da televisão. Ele não foi apenas ator, mas fazia crônicas, que radiofonizava, explica Júlio Medaglia. Pertencia a uma geração de que fizeram parte tipos como Pagano Sobrinho, já falecido, e Zé Fidélis, que anda muito doente.

"Depois dos anos 60 a juventude assumiu a música", recorda o maestro, "obscurecendo de certa forma o 'bexiguismo' que existe na música do compositor. Hoje quem faz crônica urbana é a Rita Lee."

"Eu gostava muito dele, disse o professor Antônio

Cândido que, em 1975, escreveu a contracapa do disco "Adoniran Barbosa". Para ele, "Adoniran era uma rara personalidade, além de um grande músico. Por isso, inventou certo jeito de ser paulistano que faz dele um dos grandes poetas da noite na cidade, como Álvares de Azevedo, Mário de Andrade, Paulo Vanzolini, João Antônio, Gregório Gruber."

No disco, uma dedicatória carinhosa: "Ao Tonho, um abraço com muito afeto, Adoniran Barbosa."

O maestro José Briamonte, arranjador dos quatro últimos discos de Adoniran, lembra uma figura alegre, que "retratava São Paulo até no modo de ser. No estúdio, ficava bravo com alguma brincadeira sobre os "erros" das suas letras e insistia para que

outros cantassem em seu lugar. "Põe o coro", sugeria, e acabava gravando só alguns trechos".

Ao saber da morte de Adoniran, o pesquisador de música popular e caricaturista Miécio Café disse apenas: "É desagradável." Mas, após a surpresa, falou sobre a importância do compositor e lembrou alguns fatos de sua vida. "Adoniran era um dos bons compositores de São Paulo e sua maior importância é ter criado o samba que se convencionou chamar de paulista", analisou. "Ele sempre utilizou temas da cidade, como as construções, as malocas; e só fugiu de seu estilo uma única vez, quando fez a música para um poema de Vinícius de Moraes, 'Bom Dia Tristeza' — aí ele foi romântico."

Miécio Café lembrou ainda que durante muito tempo Adoniran "foi personagem de novela", na Tupi, e anteriormente trabalhou na Record fazendo o papel de Charutinho, criado por Osvaldo Moles. "Mas eu o conheci já no final da década de 50, quando comecei sua fase de grandes sucessos, como 'Saudosa Maloca'. Ele só colheu sucessos na vida." Sobre a morte do compositor, afirmou: "Já estamos acostumados a ver o pessoal da velha guarda ir embora. É a vida — nada dura. Mas Adoniran tem uma grande vantagem sobre a maioria dos mortais: ele jamais será esquecido. Ele não morre. Fica presente na voz dos cantores, em nossa memória, nas recordações sempre de alegrias."

(CONTINUA NO VERSO-F)



O anônimo apaixonado

PEPE ESCOBAR

"Não posso ficar
nem mais um
minuto com você..."

Flertar com o anonimato é deixar-se embriagar pela seiva contaminada da solidão e da melancolia. João Rubinato sempre foi um verdadeiro anônimo. Trânsfuga da solidão, poeta do trivial, viveu trespassado por uma única paixão: os símbolos de sua cidade — esfaqueada em lenta progressão — circulando pelas veias da memória. Recriou a verdadeira arquitetura deste espaço, onde circulam negros de origem rural, imigrantes italianos e retirantes nordestinos.

Velho boêmio, banho tomado, roupa alinhada, gravata borboleta, chapéu, perdia-se nos signos da multidão para escavar os bairros da periferia, os becos sujos, os ônibus de horários imprecisos, a distância intransponível entre amigos, conformismos e fatalismos. Comia ovo e sardinha, conversava sobre novela, bebia no bar rodeado de amigos, batucando samba em caixa de fósforo, reclamava do samba modelo 19.

Em um hotel da rua Aurora, a ponto de ser demolido, lembrava-se de uma intangível saudosa maloca. Frente a um velho prédio demolido na av. São João, só podia encantar-se com as mariposas revolteando na luz. Sonhava com os desencontros da realidade, fabricando horários equivocados de trens, rimas com nomes de bairros, filhos fazendo companhia às mães elaborando o tempo morto do subúrbio. Em lenta cadência, samba moroso, vozes do povo, celebrava um imenso desencontro — "nóis fumo e não encontremo ninguém".

Historiador impecável podia partir para a carnavalização de imagens ("Malvina", "Joga a Chave") mas sem abandonar a contemplação amarga. Só mesmo um anônimo poderia construir o minucioso inventário de conflitantes superfícies polícladas e cinzentas, onde outros tantos milhões de anônimos se contorcem em pequenas agonias, nos estertores de vanidades e desenganos.

"Não mexo com política." Que cidadão urbano poderia ser mais político? Sua arte foi a grandeza e a debilidade de uma prova: para que as dores do cotidiano deixassem de ser dores, para que as sucessivas mortes em vida que sofreremos deixassem de ser o horror à morte, sonhou: e estes termos deixaram de ser realidade.